



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DISSERTAÇÃO

**MOVIMENTOS SOCIAIS E PERIFERIA: MEMÓRIAS DE MILITANTES DA
FAVELA DO CERRO CORÁ- RJ**

LILIAM CRISTINA E SOUZA

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Maria Melo Gonçalves

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MOVIMENTOS SOCIAIS E PERIFERIA: MEMÓRIAS DE MILITANTES DA
FAVELA DO CERRO CORÁ- RJ**

LILIAM CRISTINA E SOUZA

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Maria Melo Gonçalves

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no curso de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Seropédica, RJ

2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719m Souza, Liliam Cristina e, 1988-
MOVIMENTOS SOCIAIS E PERIFERIA: MEMÓRIAS DE
MILITANTES DA FAVELA DO CERRO CORÁ- RJ / Liliam
Cristina e Souza. - Seropédica, 2023.
83 f.

Orientador: Sílvia Maria Melo Gonçalves.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2023.

1. Movimentos sociais. 2. Periferia. 3. Memória
social. 4. Narrativa autobiográfica. I. Melo
Gonçalves, Sílvia Maria, 1953-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
Graduação em Psicologia III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LILIAM CRISTINA E SOUZA

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
no Curso de Pós-Graduação de Psicologia, área de Concentração em Psicologia Social.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 22/09/2023



Documento assinado digitalmente
SILVIA MARIA MELO GONCALVES
Data: 21/11/2023 21:13:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Maria Melo Gonçalves – UFRRJ
(Orientadora)**



Documento assinado digitalmente
DENIS GIOVANI MONTEIRO NAIFF
Data: 22/11/2023 15:29:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Denis Giovanni Monteiro Naiff – UFRRJ



Documento assinado digitalmente
ADRIANA VASCONCELOS DA SILVA BERNARDINO
Data: 22/11/2023 09:08:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Adriana Vasconcelos da Silva Bernardino – UV

Dedicado à querida Sílvia.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Agradeço aos meus pais e irmão, Sueli Severiano, William Souza e William Júnior, minha fundamental rede de apoio.

Ao meu marido, Pedro Linhares, pessoa que revisou ao meu lado cada linha deste trabalho.

Aos amigos Geslia Marques, Isadora Gonçalves, Vítor Sales, Luís Pereira, Moisés Borges e Jonathan Juliate, que colaboraram e ajudaram em todo processo da minha formação política e acadêmica.

À professora Adriana Ferreira, sua dedicação a cada aula, todo o conhecimento compartilhado e sua paixão pela luta popular ensinaram-me um novo horizonte de livre consciência e resistência.

Ao “Levante Popular da Juventude”, movimento que provoca o mais puro saber freiriano em sua prática, seja na denúncia do presente, seja no anúncio de um futuro a ser criado, construído político, estética e eticamente por nós, a maioria popular. Em especial, aos militantes da favela do Cerro Corá.

MOVIMENTOS SOCIAIS E PERIFERIA: MEMÓRIAS DE MILITANTES DA FAVELA DO CERRO CORÁ- RJ

RESUMO

Este estudo parte da concretude da experiência social no território da periferia para compreensão das transformações na vida dos militantes que se envolveram nas lutas sociais. Concebemos como ponto de partida o atual cenário de intensificação da crise estrutural do capital e a produção dos desmontes dos direitos sociais para as camadas populares, a fim de entender os efeitos destes fatores na vivência da juventude em contexto de exclusão. Nesse sentido, fundamentados nos pressupostos teóricos da psicologia social, temos como objetivo a investigação das mudanças que o movimento social gerou na experiência de vida dos militantes a nível pessoal, na percepção de horizontes do futuro, na visão de si e da realidade presente ao seu redor. Tais transformações foram analisadas por intermédio das lembranças de três moradores da favela do Cerro Corá-RJ que se envolveram na organização popular do seu território. Buscamos o resgate das memórias de luta iniciada há dez anos com o início do coletivo “Moradores em Movimento” e com o engajamento dos jovens no movimento social “Levante Popular da Juventude”. A respeito do método, a pesquisa possui o procedimento qualitativo, por meio do instrumento de entrevista, em que as respostas foram construídas e interpretadas a partir da narrativa autobiográfica. Os resultados abarcam as mudanças pessoais e sociais dos militantes entrevistados nos seguintes aspectos: novas percepções subjetivas de suas identidades e do contexto social; conquistas individuais e coletivas através de uma práxis de luta; conscientização política por direitos e expectativas de futuro.

Palavras-chave: movimentos sociais; periferia; memória social; narrativa autobiográfica.

SOCIAL MOVEMENTS AND UNDERPRIVILEGED URBAN AREAS: MEMORIES OF MILITANTS FROM THE CERRO CORÁ FAVELA IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

This study sets off from the concreteness of the social experience in the underprivileged urban territory to understand the transformations in the lives militants who took part in social struggles. We took as a starting point the current scenario of escalation of the structural crisis of capital and the dismantling of social rights for the lower social groups, in order to understand the effects of these factors on the experience of youth in a context of exclusion. Thus, based on the theoretical conventions of social psychology, we aim to investigate the changes that the social movement made in the life experience of the militants at a personal level, in their perception of the future, in the vision of themselves and of the present reality around them. Such transformations were studied through the memories of three residents of the Cerro Corá favela, in Rio de Janeiro, who got involved in the popular organization of their territory. We seek to rescue the memories of the struggle that began ten years ago with the beginning of the “Moradores em Movimento” group and with the engagement of the youth in the social movement “Levante Popular da Juventude”. Regarding the method, the research has a qualitative approach, through the interview medium, in which the answers were constructed and interpreted from an autobiographical narrative. The results cover the personal and social changes of the militants interviewed in the following aspects: new subjective perceptions of their identities and the social context; personal and community achievements through a praxis of struggle; political awareness of rights and expectations for the future.

Keywords: social movements; underprivileged urban areas; social memory; autobiographical narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Cerro Corá 1 | 36 |
| Figura 2 - Cerro Corá 2 | 37 |
| Figura 3 - Pré Acampamento Estadual do “Levante Popular da Juventude” | 38 |
| Figura 4 - Acampamento do “Levante Popular da Juventude” | 39 |
| Figura 5 - Acampamento Estadual “Levante Popular da Juventude” | 42 |
| Figura 6 - Célula Territorial Cerro Corá | 43 |
| Figura 7 - Acampamento Nacional | 43 |
| Figura 8 - Mutirão de Grafite | 44 |
| Figura 9 - Festa Junina do Cerro Corá | 46 |
| Figura 10 - Prêmio Paulo Freire | 47 |
| Figura 11 - Leitura biográfica de Che | 48 |
| Figura 12 - Memórias do Cerro Corá | 49 |
| Figura 13 - Foto com Boaventura de Sousa Santos | 50 |
| Figura 14 - A mística e o Levante | 51 |
| Figura 15 - Memórias do Cerro Corá 2 | 55 |
| Figura 16 - Memórias do Cerro Corá 3 | 55 |
| Figura 17 - Memórias do Cerro Corá 4 | 56 |
| Figura 18 - Exposição | 57 |
| Figura 19 - Faixas para Protesto..... | 57 |
| Figura 20 - Baile..... | 58 |
| Figura 21 - Memórias do Cerro Corá 5 | 59 |
| Figura 22 - Moradores do Cerro Corá..... | 60 |
| Figura 23 - Biblioteca Comunitária..... | 61 |
| Figura 24 - Cine Morrão..... | 61 |
| Figura 25 - Foto com Lula..... | 62 |
| Figura 26 - Arte | 63 |
| Figura 27 - Arte 2 | 64 |
| Figura 28 - Cerro Corá ‘Moradores em Movimento’ | 67 |
| Figura 29 - Fotos antigas do morro | 68 |
| Figura 30 - Memórias do Cerro Corá 6 | 69 |
| Figura 31 - A Leitura muda a vida | 70 |
| Figura 32 - Inauguração do Pré Vestibular do Cerro Corá | 70 |

| | |
|--|----|
| Figura 33 - “Nós por Nós” | 71 |
| Figura 34 - “Levante Popular da Juventude” | 72 |
| Figura 35 - Horta Comunitária..... | 73 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1 O tempo histórico e a intensificação da crise estrutural do capital | 14 |
| 1.2 Os movimentos sociais e análise de conjuntura em tempos de barbárie..... | 15 |
| 2. OBJETIVOS..... | 20 |
| 2.1 Objetivo geral..... | 20 |
| 2.2 Objetivos específicos | 20 |
| 3 A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO EM SEU MUNDO SOCIAL | 21 |
| 4 ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL | 24 |
| 5 LEVANTE POPULAR: HISTÓRIA, FORMAÇÃO E PRÁTICA | 26 |
| 5.1 A história do movimento social “Levante Popular da Juventude” | 27 |
| 5.2 A mística e o “Levante Popular da Juventude” | 28 |
| 5.3 O pré-vestibular popular “Podemos Mais” | 29 |
| 6. MÉTODO..... | 31 |
| 6.1 Participantes..... | 31 |
| 6.2 Instrumento | 31 |
| 6.3 Procedimentos..... | 32 |
| 6.4 Análise dos dados..... | 32 |
| 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES: A ORGANIZAÇÃO POPULAR NA FAVELA DO CERRO CORÁ..... | 36 |
| 7.1 Lembranças de Richarlison | 36 |
| 7.1.1 Discussões: Lembranças de Richarlison | 50 |
| 7.2 Lembranças de Rodrygo | 54 |
| 7.2.1 Discussões: Lembranças do Rodrygo | 64 |
| 7.3 Lembranças do Alison | 66 |
| 7.3.1 Discussões: Lembranças do Alison..... | 74 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 77 |
| 9 REFERÊNCIAS | 82 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| CST | Central Sindical dos Trabalhadores |
| HD | “Hard Disk” |
| LGBTQIA+ | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e outras. |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra |
| PROUNI | Programa Universidade Para Todos |
| PSOL | Partido Socialismo e Liberdade |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| RJ | Rio de Janeiro |
| RS | Rio Grande do Sul |
| UERJ | Universidade Estadual do Rio de Janeiro |
| UNE | União Nacional dos Estudantes |
| UNIRIO | Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro |
| UPP | Unidade de Polícia Pacificadora |

1. INTRODUÇÃO

1.1 O tempo histórico e a intensificação da crise estrutural do capital

A crítica da economia política realizada por Menegat (2008) nomeia o tempo histórico da pós-modernidade como “barbárie”. Tal elaboração se relaciona a novo período do capitalismo, desde meados dos anos 1970, que representa a maturidade do sistema e o início de sua crise de expansão (MENEGAT, 2008). Ao alcançar o limite máximo de dominação, revela-se a crise estrutural do capital, impulsionada pela terceira revolução tecnocientífica, que se generalizou nas décadas de 1970-1980 (MENEGAT, 2008).

A estrutura do modelo produtivo fordista foi sucedida por sistemas automatizados de produção, o que acarretou a mudança permanente no processo de produção (MENEGAT, 2008). Por essa razão, “esta nova tecnologia permite desdobrar uma série de procedimentos mecânicos da produção, que antes dependiam da mão humana, entregando-os a robôs ou máquinas automáticas” (MENEGAT, 2008, p.2). O capitalismo industrial se subordinou ao capital especulativo após a força de trabalho ser deslocada para fora da produção.

Dessa perspectiva, “a substituição em larga escala do trabalho vivo pelo trabalho morto produz uma massa cada vez mais ampla de seres humanos em condição permanente de desemprego” (FERREIRA, 2013, p.9). Conforme Menegat (2008) para o processo de acumulação do capital é necessário “incorporar quantidades crescentes de trabalho humano, de onde se extrai o mais valor” (p.3), mas com a produção entregue aos robôs a geração de riqueza perde sua antiga base material. O capitalismo em ruínas se evidencia na impossibilidade de incorporar ao sistema a massa sobrando de força de trabalho, desse modo, é impedida a ampliação do campo de atividades humanas concretas que produzem valor (FERREIRA, 2013).

Botelho (2009) sustenta que estamos diante do colapso do sistema capitalista, o que representa uma mudança substancial na própria natureza da configuração do capital. “Nessa situação histórica nova o capital deixa de ser meramente atravessado por crises para ser ele próprio a crise em si” (BOTELHO, 2009, p.349). Diante de tal conjuntura, revela-se o desemprego estrutural e a impossibilidade de as camadas populares serem reincorporadas ao trabalho formal, isto é, sem condições objetivas de sobrevivência, as massas não encontram, por parte do Estado, solução política para a crise (FERREIRA, 2013).

Então, “sem os recursos dos impostos para financiar a reprodução social e sem força para confrontar as corporações, ele vai sendo reduzido em suas funções justamente no momento em que surgem novas demandas e necessidades de efetivação da vida social” (MENEGAT,

2008, p.4). Em face dessa conjuntura, a diminuição das políticas de cidadania não tem como fator causal a política neoliberal, mas sim a crise estrutural do capitalismo, que revela seu limite de expansão do valor, tanto no âmbito dos recursos naturais, geográficos quanto no de estratégias econômicas para adiar seu desmoronamento (FERREIRA, 2013). O período progressista de acumulação do capital se esgotou, e diante da crise estrutural capitalista expressam-se os limites do Estado em financiar as políticas sociais, o que implica no cenário de enfraquecimento dos direitos ao campo popular (FERREIRA, 2013).

A história nos mostra que todo processo de acesso da classe proletária a condições mínimas e satisfatórias de direitos sociais, incorporadas no interior do sistema capitalista, são transitórias e marginais e essa inserção estão cada vez mais precárias (FERREIRA, 2013). “A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista, [...] em lugar de instrumento de emancipação humana, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema” (SADER, 2006, p.15). A intensificação do esmagamento e cortes de recursos públicos para o setor indicam que a crise do capital atingiu o Sistema Público de Ensino.

A busca por cidadania através da educação pública nos territórios periféricos se tornou ilusório, pois se trata de uma ferramenta de exclusão pela falsa inclusão (GENTILI, 2009). Gentili (2009) assegura que a exclusão da educação se dá em um sistema que apresenta como única oportunidade à população pobre o não acesso efetivo à educação de qualidade, pois está relacionada à lógica mercantil, na qual é preciso pagar. Ocupar os espaços de luta e disputa política por direitos sociais às camadas pauperizadas no interior do sistema é necessário, porém, não irá garantir a práxis emancipatória, pois não produz antagonismo ao presente no modo de vida capitalista, que se atravessam na economia, na cultura e na subjetividade (FERREIRA, 2013).

O lugar da periferia não encontra solução dentro da estrutura do capitalismo, uma vez que sua inclusão é uma contradição fundante: todo projeto que coloque a periferia no centro da estrutura do capital é alienação, ou seja, toda tentativa de vislumbrar uma emancipação dentro das lutas institucionais do atual sistema é autoengano (FERREIRA, 2013).

1.2 Os movimentos sociais e análise de conjuntura em tempos de barbárie

A palavra barbárie, utilizada por Menegat (2008) para se referir aos tempos atuais, não se limita à crítica realizada à massa de trabalhadores sobrantes devido à crise estrutural do

capital, esta teorização também está atrelada aos efeitos produzidos pela existência de um enorme contingente de desempregados, estimulando as formas precárias de contrato e a reincorporação do trabalho escravo. Tal situação “torna ainda mais complexa a formação de um sujeito coletivo capaz de enfrentar as atuais características do capitalismo” (MENEGAT, 2008, p.12). Contudo, os reflexos mais nefastos sobre a vida social podem ser sentidos nos brasileiros descartáveis, a nova configuração produtiva do capital, que se apresenta nos processos produzidos no campo, na necropolítica e no Estado de terror (FERREIRA, 2013).

Produto da crise permanente, os seres humanos expulsos pela estrutura capitalista não encontram mais solução satisfatória de reprodução pela via econômica, pois tornaram-se alvos de controle pelos aparelhos estatais especializados na assistência pública ou na repressão policial da pobreza (FERREIRA, 2013). Menegat (2008, p.23) alerta que os movimentos sociais precisam superar “as formas de existência do individualismo abstrato impostas com violência por essa estrutura social [...]que reduz as relações sociais em relações entre coisas”. O saber popular construído na experiência pública tem a capacidade de interditar os processos estruturais de opressão, através de uma relação da filosofia da razão objetiva com a mística e as práticas sociais compartilhadas, marcadas pela diversidade cultural e pela manifestação da arte na vida aqui e agora (FERREIRA, 2013).

Os processos ideológicos se relacionam aos indivíduos de diversas formas destrutivas internalizadas, seja no modo de exploração do indivíduo com a força de trabalho (MARX, 2008), seja na objetificação dos seres humanos e personificação das coisas – chamado de fetichismo do mercado (MARX, 2002) –, seja por pensamentos fatalistas (MARTÍN-BARÓ, 2017). O conceito do fatalismo teorizado por Martín-Baró (2017, p.175) se apresenta como “comportamentos de conformismo e resignação diante de qualquer circunstância” Essa concepção retira dos indivíduos todo potencial para luta, quer por direitos sociais no campo da cidadania, ou por emancipação na via da produção da experiência comunitária.

A libertação das camadas pauperizadas passa pela superação da ideologia, em um movimento dialético a conscientização, e pelo processo de avaliação crítica sobre os antigos modos de luta dos movimentos sociais (FERREIRA, 2013). Ferreira (2013) avalia que o modo de luta das massas por direitos que se constituem no interior da estrutura capitalista não produz uma perspectiva que transcende a estrutura, mas só respondem no nível de administração da barbárie, da pobreza e da miséria. É preciso ter lucidez para reconhecer os limites da luta institucional e analisar que todo financiar dos direitos sociais no sistema tem como base a mais-valia, ou seja, a exploração do próprio trabalhador; além de não permitir práticas que superem

as formas de existência do individualismo alienante impostas com violência pelo capitalismo (MENEGAT, 2008; FERREIRA, 2013).

Não há mais tempo para falsos enganos, as circunstâncias não são mais as mesmas: a exploração do proletariado, o genocídio de negros e negras e os desmontes dos direitos sociais estão se intensificando frente a crise estrutural do capitalismo e produzem o horror (FERREIRA, 2013). A cegueira presente nos movimentos sociais não percebe um novo cenário, no qual as velhas lutas de resistência defensiva no interior do sistema por direitos não dão mais conta de sustentar um projeto de bem-estar social prometido na Constituição de 1988 que nunca chegou (FERREIRA, 2013). Para alcançar a total ruptura dos processos opressores produzidos pelo sistema social econômico, as antigas disputas e classe no campo institucional não possuem mais eficácia; não há lugar de emancipação na submissão do povo nos espaços de controle social do capitalismo (FERREIRA, 2013).

Para Luxemburgo (1975, p.181) “liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente. Não por fanatismo pela ‘justiça’, mas porque tudo quanto há de vivificante, salutar, purificador na liberdade política depende desse caráter essencial”, neste sentido, buscar a liberdade se tornou uma necessidade de sobrevivência à humanidade que sofre os impactos da crise estrutural do capital. As classes subalternas experimentam uma realidade contemporânea comum aos países da América Latina: o desemprego em massa; o empobrecimento significativo dos assalariados; e condições cada vez mais precárias de vida e de trabalho (MARRO, 2009). Aos que sobram só restam duas possibilidades: assujeitar-se aos processos alienantes e de opressão do capitalismo ou lutar por reinventar a vida, já que não irá encontrar soluções por dentro da estrutura (MARRO, 2009).

No entender de Ferreira (2013), a desradicalização dos movimentos sociais ocorreu quando a luta do proletariado se desenvolveu a partir de práticas sociais que foram transferindo sua espontaneidade e capacidade de auto-organização para as instituições criadas serem elas mesmas a luta da classe.

Deste modo, são as instituições proletárias que passam a definir, de cima, a compreensão das necessidades da classe, as reivindicações corporativas, o início e o fim dos movimentos grevistas, enfim, este é o resultado histórico de um processo em que a luta se autonomizou dos indivíduos, integrando a lógica da abstratividade social (FERREIRA, 2013, p. 127).

Em meio à crise permanente do capital, “as massas da periferia estão deixadas à sua própria sorte para continuarem sendo o que são, na medida em que estão fora do mercado de trabalho formal e não têm nenhuma possibilidade de nele ingressar” (MENEGAT, 2008, p.21).

A cultura da barbárie se desdobra, a condição de pobreza só se agrava “diante da ausência de políticas sociais efetivas e do desmonte dos direitos de cidadania” (FERREIRA, 2013, p.111). Nessa ótica, os expulsos do mercado de trabalho não possuem funcionalidade nenhuma para o sistema e, sem soluções para essa realidade, a necropolítica vem à tona (FERREIRA, 2013,).

Neste quadro bárbaro, a violência institucionalizada é permitida e “justificada”. Espancar, torturar, violentar, desde que seja feito contra um “criminoso pobre”, é uma ação legítima, que justifica todo tipo de ação repressiva, arbitrária e violenta do Estado, no exercício da função de “conter o processo de dissolução de uma modernidade em fim de linha” (FERREIRA, 2013, p.111).

À luz dessas transformações sociais-econômicas e dos elementos que compõem a elaboração crítica radical do valor, como buscar referências para uma perspectiva de luta popular dos movimentos sociais que possua um potencial emancipatório? A experiência capaz de superar os processos de alienação do capitalismo é a experiência produtiva concreta pautada na razão objetiva “da práxis revolucionária no terreno da atividade humana sensível, na qual seriam erguidas novas relações entre os seres humanos e entre os seres humanos com o mundo” (FERREIRA, 2013, p.82). Martín-Baró (2017) compreende que a análise das organizações populares é um instrumento de libertação histórica, pois possibilita o resgate da riqueza dos povos, contrapõe ao individualismo alienante, provoca o processo de conscientização e conduz as massas para o confronto social.

A práxis revolucionária de base material se expressa pelo fortalecimento da organização popular, indo além da esfera política e do aparato estatal, por meio do resgate da vida pública comunitária (FERREIRA, 2013). As experiências sociais coletivas podem ser vivenciadas quando ocorre um movimento auto organizativo para a busca prioritária de alguma necessidade básica do povo. Diante desta ação espontânea popular para satisfazer uma demanda da comunidade, tem-se a oportunidade de recriar o espaço público, e a partir desse terreno, homens e mulheres podem construir memórias nobres (FERREIRA, 2013).

O espaço comum coletivo permite a união de todos em torno da “mística”, um lugar de vida livre para manifestação das artes – arte aqui entendida não como um lugar de refúgio, mas sim como um lugar de ensaio para a luta e mudança social (FERREIRA, 2013). Tal vivência é um atributo marcante do Movimento Sem Terra, pois permite reconstruir o espaço público e mantém unidos os envolvidos, pois somente em unidade podem manter sua força de transformação (ITERRA; IEJC, 2003).

A mística é a alma da identidade Sem Terra. A mística se expressa através da poesia, do teatro, da expressão corporal e palavras de ordem, da música, do canto, dos símbolos do MST, das ferramentas e de trabalho, do resgate da memória das lutas e de grandes lutadores e lutadoras da humanidade... vira celebração e visa envolver todos os presentes em um mesmo movimento, a vivenciar um mesmo sentimento, a se sentir membros de uma identidade coletiva de lutadores e lutadoras do povo que vai além deles mesmos e vai além do MST (ITERRA; IEJC, 2003, p. 79).

A crise estrutural do capital evidencia que a única via de luta para a sobrevivência das camadas populares está na radicalidade presente nos movimentos sociais, que buscam, à margem do sistema, conquistar condições dignas de vida (FERREIRA, 2013). Nesse processo de subversão, essa pesquisa analisou as histórias de militantes engajados na organização popular da juventude e dos moradores da favela do Cerro Corá-RJ na luta por justiça e igualdade, baseada em ações interessadas com as mudanças sociais e psicossociais.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Investigar como militantes da favela do Cerro Corá-RJ avaliam transformações em sua vida a partir da participação no Movimento Social ‘Levante Popular da Juventude’ e do coletivo “Moradores em Movimento”.

2.2 Objetivos específicos

- Avaliar quais horizontes de futuro os militantes da favela do Cerro Corá construíram através do envolvimento com a organização popular.
- Analisar, na concepção dos participantes, a memória social acerca da origem do coletivo “Moradores em Movimento” e o início da articulação com o movimento social “Levante Popular da Juventude”.

3 A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO EM SEU MUNDO SOCIAL

Para compreender a influência dos movimentos sociais na experiência concreta dos militantes, precisamos situar a ação dos indivíduos em seu contexto histórico e interpretar a relação do sujeito com a realidade ao seu redor. Para Martín-Baró a Psicologia Social é o estudo do comportamento humano encontrada na dupla realidade constituída “entre o indivíduo e a sociedade” (p.108). Assim, “a Psicologia Social é uma ciência intermediária que tem como objetivo demonstrar a conexão entre duas estruturas: a estrutura pessoal e a estrutura social” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.117).

Com base na concepção teórica de Martín-Baró (2017), os indivíduos não são seres lançados no vazio, por isso é fundamental compor o campo de estudos na área das ciências humanas que consideram a realidade histórica vivida nos territórios latino-americanos. De forma hegemônica, os problemas tratados nos textos de psicologia estão alicerçados na lógica científica da sociedade norte-americana e não reflete as necessidades dos povos da América-Latina (MARTÍN-BARÓ, 2017). Com a falta de conhecimento dos psicólogos em geral sobre a realidade do contexto brasileiro “não temos utilizado esta ciência para responder às questões sociais específicas do momento histórico que vivemos” (LANE, 1989, p.84).

Não se pode abstrair o indivíduo da realidade concreta, a caracterização do sujeito e das interações humanas precisa estar atrelada ao ambiente histórico, no âmbito dos comportamentos, na ação dos indivíduos em conexão as questões sociais e os processos grupais (MARTÍN-BARÓ, 2017). “A Psicologia Social é uma ciência intermediária, abrangendo o que pertence à sociedade enquanto tal e o que é próprio do indivíduo como pessoa, há o permanente perigo de abandono da tensão interdisciplinar e absorção pela dinâmica de um dos polos” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.123). Portanto, entender os processos psicológicos requer que a pessoa não seja reduzida a mera expressão das forças sociais e não diminui os fatores estruturais sociais a atributos psicológicos do indivíduo (MARTÍN-BARÓ, 2017).

Para Martín-Baró (2017) a Psicologia Social estuda a influência do social no comportamento dos indivíduos, e interpreta com base na relação indivíduo/ sociedade a inserção ativa do sujeito frente a realidade. Nos escritos de Lane (1989, p.8) “o enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente”. A autora apresenta como desafio para a Psicologia Social considerar a condição histórica na qual o indivíduo vive, os aspectos sociais e culturais que refletem no

comportamento, porém sem perder de vista, onde a criatividade possui o poder de transformação do contexto ao redor (LANE, 1989).

Logo, “caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade - apenas este conhecimento nos permitiria compreender o indivíduo enquanto produtor da história” (LANE, 1989, p.97). No entender de Martín-Baró (2017) a ação do indivíduo é atravessada por conteúdos que são valorados historicamente e estão atribuídos a uma estrutura social.

A ação se constitui em relação com uma realidade significada e esse significado está dado por interesses sociais determinados, assim, a ideologia pode ser compreendida a partir da totalidade de interesses sociais que a criam, ao mesmo tempo em que ela dá sentido para a ação pessoal e, conseqüentemente, para os esquemas cognitivos e valorativos das pessoas (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.129).

Nesse sentido, a ideologia está presente na ação humana, mas o indivíduo não se limita a ela (MARTÍN-BARÓ, 2017). Martín-Baró (2017, p.129) aponta as funções da ideologia: “oferece uma interpretação da realidade; fornece esquemas práticos de ação; justifica a ordem social existente; legitima essa ordem como válida para todos, isto é, converte em natural o que é histórico; efetiva uma relação de domínio existente; e reproduz o sistema social estabelecido”. A ideologia são forças sociais que atuam como formas de viver, de pensar e de sentir das pessoas, assim, “a objetividade social se converte em subjetividade individual” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.130).

Estudar a ação enquanto ideológica implica também em compreender os caminhos para a superação da ideologia. “A Psicologia Social deve possibilitar a liberdade social e individual. [...]Então busca-se a tomada de consciência desses determinismos pelo sujeito, quem pode se apropriar deles (aceitando-os ou recusando-os) por meio de uma práxis conseqüente” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.172). Em outras palavras, a libertação social provoca uma conscientização dos nossos povos sobre a realidade ao seu redor; a conscientização acontece na prática da organização popular, e é capaz de interditar os processos do individualismo alienante (MARTÍN-BARÓ, 2017).

Martín-Baró e Silvia Lane compartilham de um mesmo horizonte para a Psicologia Social, a defesa do saber científico comprometido com as necessidades das maiorias populares. Deste modo, adotamos um posicionamento ético-político em favor da justiça e igualdade às camadas populares para compreender as mudanças que o movimento social gera na vida dos militantes, através da perspectiva do sujeito em relação as forças sociais, no intento de

“incorporar o quefazer científico a uma práxis social libertadora” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 155).

A partir desses construtos teóricos de Martín-Baró (2017) e Lane (1989), compreendemos o indivíduo enquanto sujeito ativo de sua história. Por conseguinte, podemos avançar para os estudos acerca da memória social, a fim de desvelarmos o papel da memória na organização das lutas populares.

4 ESTUDOS SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL

A noção de memória social é compreendida por Halbwachs (1990) como a reconstrução do passado a partir dos grupos de referência. Acerca do caráter coletivo da memória, Halbwachs (1990, p.32) declara: “esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam”. A memória é retroalimentada quando a pessoa permanece no grupo social, as lembranças são reestruturadas coletivamente e com o afastamento do sujeito do grupo social, a tendência é que a memória seja esquecida (HALBWACHS, 1990). Em suma, o rememorar está atrelada à relação afetiva do indivíduo com um determinado grupo, o resgate do passado é composto por lembranças compartilhadas entre as pessoas de um conjunto social (HALBWACHS, 1990).

Para Bartlett (1932), a memória possui um atributo ativo; recordar é reconstruir o passado no presente: são lembranças que se modificam sempre que evocadas. Dessa forma, o passado é reconstituído com base nas percepções do sujeito no tempo presente, à medida que novos significados são adquiridos, o conteúdo de suas memórias pode ser alterado (BARTLETT, 1932). A concepção do processo de recordar teorizado por Bartlett foi sintetizada na seguinte afirmativa:

O processo de recordar algo implicaria em ter acesso a informações disponíveis como resultado das tentativas de reconstrução do passado no presente, através de algum propósito social e/ou psicológico particular a partir da lembrança coletiva de acontecimentos pessoais e históricos. (SÁ; D.G.M. NAIFF; L.A.M. NAIFF, 2008, p. 129).

Por intermédio dos escritos de Bosi (1995), podemos relacionar a memória com a percepção do indivíduo acerca do tempo presente. “A percepção concreta precisa valer-se do passado, que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (BOSI, 1995, p.47). A abordagem psicossocial defende a tese sobre a atualização da memória social, pois a reconstrução do passado ocorre em função dos interesses (afeto, motivação e sentimento) do sujeito no presente (SÁ, 2007). Logo, a memória é uma força dinâmica, “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (BOSI, 1995, p.9).

A memória também pode ser interpretada por meio de objetos: investida com a presença dos antepassados – não com o sentido materialista –, de marcos históricos em objetos

simbólicos e biográficos de representação de experiências passadas (BOSI, 1995). Assim, “cada um desses objetos representam uma experiência vivida” (BOSI, 1995, p. 360). Em outras palavras, os objetos biográficos significam um caminho para as lembranças se manterem vivas, a partir de coisas que funcionam como pilares para as memórias se apoiarem (BOSI, 1995). “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9).

Ademais, Bosi (1995) concebe o rememorar como processo de elaboração e experiência de enraizamento. Tal experimentação relaciona o passado como forma de pensar o momento atual numa direção de horizonte para um projeto futuro, neste caso, o desafio está justamente em “investigar a materialidade do passado e da história como alimento e fonte de sustentação na vida presente” (MASSOLA, SVARTMAN, 2018, p. 299). O enraizamento é a vivência estendida do tempo em um horizonte de experiências do passado, que compõe o presente e apresenta perspectivas para o futuro (BOSI, 1995).

À vista disso, “o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. (WEIL, 1996, p. 411). Nesse ângulo, o passado não é morto: é um alimento para alma, traz aspectos importantes para a relação do sujeito com o presente (BOSI, 1995). Entretanto, o “desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna é a espoliação das lembranças” (BOSI, 2012, p.199).

Memória e enraizamento podem ser relacionados à ideia de identidade, pois o passado pode fundamentar uma tradição que conecta indivíduo a uma herança cultural (MASSOLA, SVARTMAN, 2018). Desse modo, a memória social se relaciona à identidade pessoal e coletiva, porque permite que o passado seja um tesouro para a atuação no presente na criação de projetos futuros (MASSOLA, SVARTMAN, 2018).

Somente na medida em que as pessoas e os grupos adquirirem consciência sobre suas raízes históricas sobre todos os fatos e as condições que configuraram sua realidade poderão se situar em uma perspectiva adequada para avaliar sua própria identidade. Saber quem você é significa saber de onde você vem, de quem ou do que você depende. Não há verdadeiro conhecimento de si mesmo que não seja um reconhecimento das próprias origens, da própria identidade comunitária, da própria história. (MARTÍN-BARÓ, 2011, p.198).

A recuperação do passado pode estar associada a um sentido político, como a busca por referências e perspectivas de luta por justiça de um povo. A ultrapassagem da visão fatalista

de mundo requer o resgate da memória histórica pessoal e coletiva, com isso, os indivíduos são capazes de formar uma consciência crítica da realidade para discernir as “propostas ideológicas que hoje são apresentadas aos povos latino-americanos” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.199). Os povos latino-americanos “precisam de uma clara memória histórica para rastrear os dinamismos de sua história, e saber onde buscar as causas de sua opressão secular e de sua situação presente” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.198).

Pois o povo sem memória histórica não tem horizonte, a vida se resume apenas ao tempo presente, sem forças para responder as exigências do cotidiano aceitam com passividade um destino que consideram ser imutável (MARTÍN-BARÓ, 2017). Nesse sentido, “a memória localiza, orienta o indivíduo e seu grupo social. Ela sinaliza possibilidades para o futuro que foram suprimidas. A memória vitaliza o passado, expõe suas heranças e faz que nos posicionemos no presente a partir delas” (MORTADA, 2022, p.3).

Podemos compreender o papel da memória social como chave interpretativa do tempo presente sob os seguintes aspectos: o resgate das memórias históricas de um povo é uma ferramenta capaz de formar nos sujeitos uma consciência crítica da realidade (MARTÍN-BARÓ 2017); a recuperação da memória de um povo pode fornecer elementos do passado que outrora foram úteis na luta das classes exploradas, e se tornam no presente referências de resistência para a organizações popular (FALS BORDA, 1985). Então, “a memória deixa aqui de ter um caráter de restauração do passado e passa a ser uma memória geradora de futuro” (BOSI, 2012, p.198). A memória social influencia na interpretação do tempo presente e cria novos horizontes de expectativas (RICOUER, 2006). Em outros termos, a investigação do presente, a partir das lutas do passado, gera um novo futuro (RICOUER, 2006).

Todos movimentos sociais possuem uma origem, essa origem é tecida pela luta daqueles que os antecederam. O “Levante Popular da Juventude” é herdeiro de um passado repleto de experiências, experiências vivas que formam politicamente os militantes nos dias de hoje e influenciam no modo que compreendem a realidade e agem sobre ela. Por esse motivo, buscaremos conhecer a origem do movimento social supracitado e, depois, investigar como trabalham seus processos de formação e práticas.

5 LEVANTE POPULAR: ORIGEM, FORMAÇÃO E PRÁTICA

5.1 A origem do movimento social “Levante Popular da Juventude”

O “Levante Popular da Juventude” nasceu pela “necessidade compreendida por outros movimentos sociais brasileiros de organizar a juventude do país em um espaço criado, pensado e construído pelos jovens” (FILHO, 2021, p.45). O movimento social foi formado a partir das demandas das juventudes brasileiras, os militantes que compõem esse projeto popular são: “jovens das periferias dos grandes centros urbanos, cotidianamente afetados pela violência e falta de oportunidades, e para jovens do meio rural, precarizados pela falta de políticas públicas voltadas para problemáticas referentes à realidade de vida das juventudes do campo” (FILHO, 2021, p.45). O “Levante Popular da Juventude” tem sua origem no ano de 2006 no Rio Grande do Sul, “estado que possui uma forte organização e atuação de vários movimentos sociais que compõem o campo político dos movimentos populares do campo no Brasil” (FILHO, 2021, p.45).

O Levante tem como marco temporal sua origem pela juventude do campo, por meio dos processos organizativos de seus jovens junto a representantes da Pastoral da Juventude Rural, do MST e um universitário (FILHO, 2021). Nesse sentido, em 2006 foi organizado o Acampamento de Jovens que compunham os movimentos sociais da Via Campesina com os jovens universitários e jovens do Movimento de Trabalhadores Desempregados (FILHO, 2021). O primeiro Acampamento reuniu em torno de 700 jovens, “como resolução, o acampamento teve como tarefa inicial estabelecer frentes de atuação em quatro campos prioritários para o projeto de promoção da qualidade de vida das juventudes: Educação, Trabalho, Cultura e Lazer” (FILHO, 2021, p.46).

Dessa forma, a organização do movimento social ficou dividida em três frentes de atuação: estudantil, territorial e camponesa (FILHO, 2021). No ano de 2008 o Levante realizou seu segundo acampamento, “dessa vez, um nacional, que pretendia firmar laços entre a juventude do campo e da cidade. Mais de mil jovens passaram a construir os referenciais simbólicos e culturais do movimento social” (FILHO, 2021, p.47). No espaço de vivência do Acampamento Nacional, a música da bateria constitui-se uma forma de uma identidade coletiva própria do movimento, além de ser uma expressão da juventude, a batucada permite a construção do sentimento de pertença entre os militantes (FILHO, 2021).

A bateria do Levante é o momento que a juventude se reconhece; a mística é um ponto de encontro para jovens de diferentes frentes, permitindo-os ocupar um espaço comum em torno de uma atividade para a formação política.

Assim os militantes passaram a percorrer vários estados do país, a fim de construir as bases para o processo de nacionalização do movimento. Após esse percurso de organização de base nos estados da federação, ficou decidido que a principal tarefa da militância seria dar início ao processo de nacionalização do movimento, sendo tal processo consolidado a partir a realização de um Acampamento Nacional em que fosse possível reunir as representações gestadas nos estados (FILHO, 2021, p.47).

Tal projeto foi efetivado em fevereiro do ano de 2012, no Acampamento Nacional na cidade de Santa Cruz do Sul-RS com a presença 1.300 jovens que representavam 15 estados brasileiros, o encontro possibilitou a formação dos trabalhos de base para atuação política em diversas regiões do país (FILHO, 2021). Por conseguinte, o “Levante Popular da Juventude” “passa a ocupar os tradicionais espaços da mídia do país a partir de 2012, quando tem-se início a realização dos escrachos” (FILHO, 2021, p.48). O “escracho” é uma intervenção em que jovens militantes do movimento, através da arte e palavras de ordem, buscam denunciar indivíduos, organizações do estado, e agentes da ditadura que não foram responsabilizados, tal ação é utilizada para o resgate de questões históricas de grupos oprimidos que necessitam ser revisitadas e debatidas de forma pública (FILHO, 2021).

“As marcas simbólicas, criadas e ressignificadas pelos militantes do movimento, constituem-se como representações do fazer político das juventudes” (FILHO, 2021, p.108). À medida que a juventude se reconhece como parte da organização do movimento, os jovens passam a construir suas referências de luta coletiva em torno de questões comuns à vida da juventude (FILHO, 2021).

Os processos de formação são pensados nas referências que dão sentido à construção de uma identidade coletiva própria do Levante Popular da Juventude. É nesse sentido que as bandeiras, camisetas, batucada, ao mesmo tempo que se colocam como elementos visuais de propaganda do movimento na sociedade, também funcionam como dispositivos identitários de reconhecimento e pertencimento para os jovens organizados (FILHO, 2021, p.109).

5.2 A mística e o “Levante Popular da Juventude”

Nas palavras de Laueremann (2020, p.25), “a prática da mística é muito comum em movimentos sociais ligados à Teologia da Libertação e à Via Campesina”. Nesse sentido, o “campo simbólico formado através da mística das identidades, dos sentimentos de pertencimento, afeto e coletividade, próprios do movimento social, é construtor de uma identidade de resistência que se coloca como referência dentro dos processos de organização” (FILHO, 2021, p.121). O lugar da mística é tratado “com certo cuidado, porque além de pensar uma estética, deve trazer elementos ou signos da luta, que expressam suas ferramentas de trabalho e de luta política” (LAUEREMANN, 2020, p. 72).

O propósito da mística se diferente do teatro, pois não está apenas no campo artístico, mas também em uma forma ritual “que celebra aqueles que fazem parte da luta, seja ela pela terra — como no caso do MST — ou a coragem da juventude — como no caso do “Levante Popular da Juventude” (LAUEREMANN, 2020, p.23). Por isso, a mística é o lugar onde os levantinos expressam as suas identidades e possibilita o reconhecimento cultural da juventude campesina e dos territórios periféricos.

A Mística está ligada ao sentido subjetivo, espiritual, uma força ou sentimento que move o militante a uma vida coletiva, uma vida de luta e defesa de ideais de um projeto político. A Mística do MST está, sobretudo, relacionada aos valores da terra, da vida e produção coletiva. A Mística do Levante está na sua rebeldia, ousadia e juventude que acredita que mudanças estruturais são possíveis se houver organização social (LAUEREMANN, 2020, p.67).

Em conformidade com Laueremann (2020, p. 23) “a mística pode criar sentimentos que unem as pessoas em torno de um mesmo ideal, sentimentos que formam uma comunidade, que ultrapassam a subjetividade e encontram o coletivo, que pode ser festa e companheirismo”. A mística é repleta de sentidos e significados — o sentido religioso pela fé e luta do povo pela terra — o político das revoltas populares pela terra e dos movimentos anticapitalistas, mas todos os movimentos possuem um afeto partilhado, a valorização suas culturas que se expressam de forma poética e “celebram a vida daqueles que se dedicam à luta” (p.70).

5.3 O pré-vestibular popular “Podemos Mais”

No contexto contemporâneo, a rede de Cursos Populares “Podemos Mais”, em parceria com o “Levante Popular da Juventude”, permite aos jovens que vivem nas periferias urbanas a inclusão no pré-vestibular social (LEVANTE, 2020). O “Levante Popular da Juventude” atua na organização dos jovens em seus territórios: além de prepará-los para o ensino superior por

meio da educação popular, o movimento social busca a formação política das juventudes, através do processo de conscientização e leitura crítica da realidade.

Devido à produção do fracasso escolar no sistema educacional das periferias do Brasil, os jovens que chegam a se formar no ensino médio encontram diversas dificuldades em acreditar que são capazes ou que podem ingressar no ensino superior. Esses impedimentos se manifestam no campo material – pois precisam priorizar o mercado de trabalho para ajudar no sustento da família – e no campo estrutural de exclusão do direito à educação de qualidade. A iniciativa de educação popular do movimento social “Levante Popular da Juventude” vem ao encontro da necessidade de organizar a juventude a partir de uma demanda concreta das camadas populares e promove o acesso dos jovens à educação de qualidade e ao ingresso no ensino superior.

Estruturado a partir do protagonismo social da juventude, a iniciativa de educação popular “Podemos Mais” possui trabalho de base na favela do Cerro Corá do Rio de Janeiro, iniciado em maio de 2016 pela articulação dos seguintes atores sociais: “Levante Popular da Juventude”, “Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” e do coletivo “Moradores em Movimento”.

No presente contexto de diminuição das políticas públicas devido à crise estrutural do capital, as camadas populares estão lançadas à própria sorte. (FERREIRA, 2013). Portanto, os reflexos da crise afetam primeiro a população das periferias, enquanto o Estado possui apenas o papel de administração dos efeitos da barbárie (FERREIRA, 2013). Organizar as lutas sociais para além dos espaços institucionais, como no caso do Pré-Vestibular Popular “Podemos Mais”, é uma via fundamental para promover mais acessos e direitos ao povo.

6. MÉTODO

A pesquisa foi realizada na abordagem qualitativa, de caráter exploratório, realizado por intermédio de entrevistas semiestruturadas. Utilizou-se o método de narrativa autobiográfica para a interpretação os dados investigados. A análise dos resultados foi por meio das categorias temáticas identificadas nos relatos dos depoentes e discutidas junto ao referencial teórico.

6.1 Participantes

Participaram desta pesquisa três moradores da favela do Cerro Corá-RJ que compõem o coletivo de “Moradores em Movimento” e atuam ou atuaram no movimento social “Levante Popular da Juventude”. Os entrevistados foram os fundadores do coletivo “Moradores em Movimento” e organizadores da frente territorial urbana do “Levante Popular da Juventude” no Cerro Corá. Destacamos, por fim, que os nomes dos militantes, assim como das demais pessoas citadas por eles, foram alterados durante o desenvolvimento e divulgação da pesquisa.

6.2 Instrumento

A entrevista é uma ferramenta constituída por uma série de perguntas, em que o participante responde às questões oralmente. Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira de captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador ‘colocar-se no lugar do outro’, vendo o mundo pela visão dos pesquisados” (GODOY, 1995, p.61). Com a finalidade de atender aos objetivos na pesquisa, estruturamos as seguintes perguntas norteadoras:

Questionário 1 – Direcionado ao militante Richarlison que atuou no “Levante Popular da Juventude” como coordenador estadual do movimento social:

1. Como você conheceu o “Levante Popular da Juventude”?
2. Você se lembra como era a análise de conjuntura que faziam no período em que entrou no “Levante Popular da Juventude”?
3. Para você, sua participação no movimento social possibilitou mudanças na visão que tem de si mesmo?

4. Para você, sua participação no movimento social possibilitou mudanças no modo que compreende a realidade ao seu redor?
5. Você acredita que sua participação no movimento social influenciou na forma como pensa sobre o seu futuro?
6. Você conseguiu ingressar no ensino superior?

Questionário 2 – Direcionado aos militantes Alison e Rodrygo que atuaram na origem do coletivo “Moradores em Movimento”:

1. Você pode contar como foi sua trajetória no coletivo “Moradores em Movimento”?
2. Você se lembra como era a análise de conjuntura que faziam no período em que o coletivo foi criado?
3. Quais inquietações e insatisfações você possuía em relação a realidade que vivia quando o coletivo foi criado?
4. Para você, quais transformações pessoais e mudanças sociais foram possibilitadas através da sua participação nas lutas sociais?

6.3 Procedimentos

As entrevistas foram aplicadas individualmente via chamada de vídeo, por intermédio da plataforma do “Google Meet” com os militantes do “Levante Popular da Juventude” e do coletivo “Moradores em Movimento”. Sinalizamos que as fotos divulgadas nos resultados da pesquisa foram uma proposta dos próprios entrevistados. Nesse sentido, todos os participantes autorizaram a exposição das fotos e contribuíram nas sugestões de imagens que incluem o acervo público digital do Museu “Memórias do Cerro Corá”. O acervo fotográfico do Museu “Memórias do Cerro Corá” expõe as imagens digitais por meio da Rede Social “Memórias do Cerro Corá”, tal iniciativa busca valorizar a história da favela e de seus moradores e manter vivas as narrativas e memórias do povo.

6.4 Análise dos dados

A narrativa autobiográfica foi o método escolhido para a construção e interpretação dos dados da pesquisa. Trazemos à luz considerações acerca da pesquisa autobiográfica, cujo método possui as potencialidades do diálogo entre o individual e o sociocultural, pois "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (MOITA, 1995, p. 113). As entrevistas autobiográficas "são tratadas como histórias de um sujeito (indivíduo ou grupo) que se constroem dentro dos condicionantes micro e macroestruturais do sistema social" (ABRAHÃO, 2003, p. 82).

Enfatizamos alguns aspectos que envolvem o processo de lembrar:

- "A memória é constituída por pessoas" (POLLAK, 1992, p.2). A estruturação da memória se evidencia na coletividade das lembranças compartilhadas em uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990);
- A memória ancora-se em objetos biográficos (BOSI, 1995);
- A memória apoia-se a "lugares particularmente ligados a uma lembrança" (POLLAK, 1992, p.2);
- A memória se associa a marcos significativos de vida como: "mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas" (BOSI, 1995, p. 415);
- A memória se relaciona com a experiência (BENJAMIM, 1987). Para Benjamin (1987), a experiência do passado, quando narrada, produz ao ouvinte um olhar amplo sobre seu contexto histórico. A memória preservada através das narrativas contém elementos capazes de se contrapor à história oficial e faz com que indivíduos olhem sua realidade como quem olha um cenário no alto de uma montanha (BENJAMIN, 1987). Contudo, com o advento da modernidade, a crise da narrativa vem à tona pela falta de experiências ricas de sentido (BENJAMIN, 1987). Tal crise se instaura com a falta do espaço comum para o transmitir e compartilhar das vivências (FERREIRA, 2013), refletindo no processo de desenraizamento (BOSI, 2012; WEIL, 1996);
- A memória é um fator estruturante da identidade social (MASSOLA, SVARTMAN, 2018);
- "A memória atende ao chamado do presente" (BOSI, 2012, p. 197). O ato de recordar: "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com

imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1995, p.55). Relembrar é poder reelaborar, construir um novo olhar às situações vivenciadas no passado, em uma reflexão de si, dos outros e de seu contexto social (AQUINO; OLIVEIRA; REGO, 2006);

- A memória se conecta com o tempo futuro. Tal afirmativa se expressa na seguinte sentença:

Elaborar projetos de futuro depende, sobremaneira, da avaliação da condição do presente, sobre as experiências do passado e, assim, essas três dimensões temporais complementam-se e retroalimentam-se assegurando a contextualização necessária ao sujeito que rememora (GUEDES, 2019, p. 45).

A narrativa autobiográfica é uma “via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade” (BOSI, 2012, p. 197). Para Benjamin (1987), o ato de narrar é uma “forma artesanal de comunicação” (p.205). Para Bosi (2012, p.198), a memória é como “uma constelação de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”. O ato de narrar é feito de pessoas: o narrador trabalha evocando suas lembranças, nessa experiência coletiva “entre ouvinte e narrador, há o reconhecimento de pertença a uma comunidade, de seus tesouros partilhados no tempo” (MORTADA, 2022, p.2).

O depoente transita pelo tempo, pois o passado não é linear, ou seja, “a memória desconhece ordem cronológica” (BOSI, 2012, p. 198). Os fatos narrados possuem características únicas do seu memorialista como: seu estilo, sua pertença social, “envolve o indivíduo em sua integralidade com a história e a cultura que habita” (MORTADA, 2022, p.3). Diante disso, para a transcrição das entrevistas o pesquisador deve respeitar o estilo e linguagem recorrente do narrador (MORTADA, 2022).

Com base no trabalho de Bosi em “Memória e sociedade: lembrança de velhos” (1995), Mortada (2022) especifica que o “depoimento completo, sem segmentações, [...] tem a vantagem de preservar a totalidade, trazendo a perspectiva integrada daquele depoente” (p. 6). A análise dos resultados dessa pesquisa foi elaborada por meio da categorização dos temas mais recorrentes identificados nas entrevistas e correlacionada à fundamentação teórica. “As interpretações não devem exaurir as entrevistas. Devem pontuar, sinalizar, avançar em um termo suficiente para disparar no leitor percursos de pensamento ainda incompletos” (MORTADA, 2022, p.7).

Buscamos nesse estudo compreender como a memória social pode resistir à ideologia no intento de “privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias”

(POLLAK, 1989, p.4). Em oposição à história oficial, as memórias subterrâneas contêm os marcos identitários da cultura e da tradição dos excluídos (POLLAK, 1989). Nessa ótica, o ataque à memória oral do povo é parte de um projeto de esquecimento, para enfraquecer os marcos do passado capazes de organizar os oprimidos na luta por justiça (MORTADA, 2022). A luta pela memória em disputa reconhece o caráter identitário e politizador vivo nas narrativas dos povos (MORTADA, 2022).

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES: A ORGANIZAÇÃO POPULAR NA FAVELA DO CERRO CORÁ

7.1 Lembranças de Richarlison

A minha trajetória começa a partir de uma revolta, de não ter nada aqui no morro. Na virada dos anos 2009 para os anos 2010, tem-se uma combinação muito política, em que a galera jovem daqui pensava na politização da comunidade, pensava-se em como trazer cursos para a molecada. Nós sempre problematizamos essa questão de não termos nenhum bem público. Esse momento era o segundo mandato do governo Dilma, relacionado às políticas públicas, tem a criação dos pontos de cultura nos anos de 2010 a 2012 e tem a criação do Museu da Maré. Através de um amigo que fez Museologia na UNIRIO, começamos a trocar essa ideia de fazermos algo nesse sentido.

Figura 1 - Cerro Corá 1

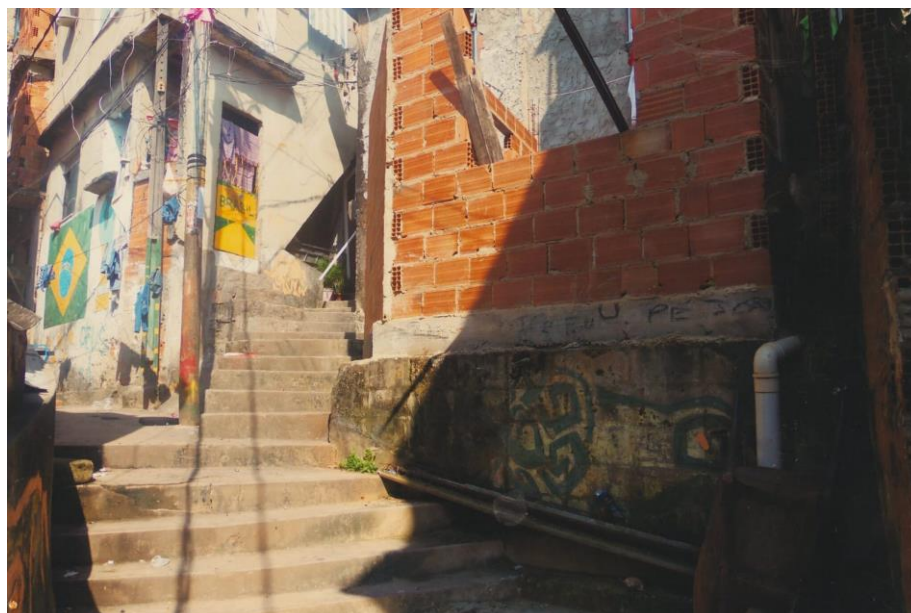


Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Só que até o momento no ano de 2011, eu estava terminando o ensino médio, no terceiro ano, estudando e trabalhando. Vem o ano de 2012, eu e meu irmão nos formamos em guia de turismo. Mas em 2012, por intermédio do nosso amigo André, que estava inserido no meio político-partidário, chegou a campanha do Freixo. O Freixo é o cara que combateu as milícias, então falamos: vamos focar nessa candidatura para prefeito! Começamos a conviver com a galera da esquerda, primeiramente nos vinculamos ao núcleo do PSOL do Largo do Machado.

Nessa vinculação, nós trouxemos o pessoal do núcleo do PSOL para poder fazer a campanha do Freixo aqui no Cerro. Nesse tempo já tínhamos o projeto de fazer o museu, pois antes da campanha, nós conversávamos sobre a ideia de criar um museu do Cerro Corá. Sobre a organização popular, nós sabíamos que existia uma experiência anterior, que era a Associação de Moradores Pró-Melhoramento do Cerro Corá. Essa referência era o que nos motivava, pois tínhamos uma galera que fazia no passado, mas que na virada dos anos 2000, o pessoal morreu, também tiveram as intervenções do tráfico, fazendo as pessoas se afastarem da assistência social que prestavam à comunidade.

Figura 2 - Cerro Corá 2



Fonte: Acervo digital Museu Memórias do Cerro Corá

Nós apresentamos para as pessoas nossa ideia de fazer o projeto do museu. Dentro dessa galera, existiam vários grupos: tínhamos o PSOL, tínhamos CST e tínhamos o “Levante Popular da Juventude”, através das militantes Marta e Tamires. A Tamires era estudante da Rural e estava articulada com o Levante e o MST, compondo o movimento do campo popular, também participou uma galera da Zona Sul que queriam fazer um trabalho de base.

Passou o ano de 2012, veio a jornada de junho e nesse período os jovens da favela já conseguiam descer para participar das manifestações. As pessoas que vieram durante a campanha, se reuniram para fazer uma exposição no Cerro Corá. Nesse momento, em 2013, criamos o coletivo Cerro Corá “Moradores em Movimento”. Nesse sentido, no mesmo ano,

começamos nossa participação na jornada de junho com o Levante, o movimento convidou nossa comunidade para as manifestações.

Eu já tinha participado de manifestações desde a escola, no ensino médio com a UNE, então eu já sabia qual era a emoção, já sabia o que poderia acontecer de gás lacrimogêneo. Mas tinha um pessoal que não sabia muito o que era isso, então o Levante nos chamou: “vem a com a gente que a parada é protegida.” Nesse momento, em 2013, as manifestações estavam arrastando milhões de pessoas e no final o pau quebrava. Quando eu cheguei lá, estava tudo organizado com faixas que delimitam os espaços, na hora de irmos embora, todos iam embora juntos, divididos pelos territórios.

Então quando eu vi aquilo, eu falei “a parada é diferente”, porque quando eu estava com o PSOL, nós ficávamos juntos durante a manifestação, mas na hora do tiro, porrada e bomba, nos perdíamos do pessoal do partido. Porém, com a galera do Levante não, quando o pau quebrava, todo mundo que era da Zona Sul conseguia ficar junto. Em 2014 nós começamos a participar mais de atividades do Levante, então fui participar das atividades do setor de negros e negras do Levante na Rural. Foi a primeira vez que eu fui à universidade e pensei: “nossa isso tudo é a universidade?”

Figura 3 - Pré Acampamento Estadual do “Levante Popular da Juventude”



Fonte: Arquivo pessoal de Alison

Quando chegou o Acampamento Nacional do Levante em 2014, nos reunimos enquanto coletivo do Cerro Corá ‘Moradores em Movimento’ e falamos: “como todo movimento que se inspira a ser das massas, como o Levante Popular, desejamos ser um representante da juventude

popular brasileira, e para sermos grandes, nós precisamos de vocês, vocês querem ser grandes juntos com a gente? Vem conhecer o nosso movimento!” Nesse Acampamento Nacional foram três jovens: eu, o Rodrygo e o André, pois éramos essas pessoas que estavam pensando toda a questão política dentro comunidade.

Quando eu cheguei lá, eu pensei: “caraca, mano! Que parada é essa?” Pessoas de todos os lugares do Brasil chegando, conversando com a juventude do país inteiro, acampamento rolando, vários *shows*, várias rodas do setor de negros e negros, Xangô se fez presente. Eu fui muito no intuito de conhecer o MST, porque eu tenho 33 anos, sou de uma geração que cresceu ouvindo o que era MST pelo Jornal Nacional e pela novela Rei do Gado. Quando foi a divisão das rodas dos setores, eu fui logo direto para a roda do MST, fiquei lá, e conheci o movimento. Na época o MST não tinha muita a linha de como atuar nas cidades, já o Levante foi criado para ser o MST na cidade, organizando a juventude assim como MST tem sua organicidade no campo, mas particularmente com os jovens.

Figura 4 - Acampamento do “Levante Popular da Juventude”



Fonte: Rede Social do “Levante Popular da Juventude”

No acampamento eu conheci a galera de outros estados e comecei a ver que as dificuldades que eu tinha aqui na comunidade eram as mesmas de outros jovens de outras regiões do Brasil. Como o problema que tínhamos de pedir a chave emprestada para o presidente da associação, era o que os militantes tinham com a escola no Sergipe: a diretora não dava a chave para eles poderem entrar na escola. Eu pensei “nossa! Que sensação maneira, eu tenho que fazer parte disso.” E algo interessante que aconteceu também foi a coletividade.

No último dia, no ato final, o nosso motorista não quis nos levar para o Centro de São Paulo, o dinheiro que eu tinha, já tinha gastado nas culturais, então eu só tinha o dinheiro da passagem para voltar para casa. Os coordenadores falaram: “gente, o motorista não vai nos levar, precisamos fazer um ‘ratatá’ para vermos quem pode pagar.” Então todos se juntaram para que todos seguissem de ônibus de Cotia para a capital. Indo em direção à Avenida Paulista, foi a primeira vez que eu entrei dentro do metrô de São Paulo, foi minha primeira vez na Avenida Paulista, quando cheguei pensei: “nossa, eu vejo isso na televisão, eu preciso apresentar o movimento para a galera do Cerro!”

Em 2014, montamos a Célula da zona sul, que englobava todas as pessoas que foram no Acampamento Nacional para nos organizarmos. Nós pensamos que essa célula seria uma forma de trabalharmos territorialmente no Cerro. No entanto, ao longo do tempo, o grupo foi minguando, mas nós prosseguimos; ao final do ano de 2014, fomos chamados para o Acampamento Estadual de 2015 e aceitamos o desafio de levar a galera do Cerro. Na célula eram só eu, Alison, meu irmão gêmeo, e o Bento, companheiro de luta que morava na Tijuca.

Quando entrou o ano de 2015, o Levante buscava, através do Acampamento Estadual, trazer mais pessoas e apresentar o movimento para a juventude do Cerro Corá. Desde 2013, com o coletivo “Moradores em Movimento”, eu já chamava a juventude para participar das atividades do Levante. Porém, aconteciam alguns estranhamentos, primeiro por estarmos com a galera do PSOL, tem-se pessoas muito brancas, e isso repele a galera do Cerro. Quando criamos o coletivo “Moradores em Movimento” o pessoal do PSOL atuou na organização política.

Com o passar tempo, essa galera do PSOL foi saindo e os militantes do Levante foram pegando a responsabilidade de estarem conosco para criarmos um trabalho de base. Porém, nós tínhamos um problema: a gente não conseguia alcançar os jovens que resumidamente estão ali ao lado do tráfico, fora da escola, no processo de violência e de criminalidade real. Dentro dessa galera há diferentes níveis de envolvimento com o tráfico: tem-se os que estão dentro, os que estão na borda e os que estão no caminho. Eu sempre pensava: “o que podemos ter para alcançar essa juventude?”

Existe algo que é cultural aqui do morro, a gente não se separa. Então, a juventude vai ficar só com a juventude, as mulheres vão ficar só com as mulheres, os homens vão ficar só com os homens, os LGBTs vão ficar só com os LGBTs. Essa divisão está bem delimitada, então quando criamos o coletivo e estávamos com as pessoas do PSOL, a juventude do morro nos via andando com o pessoal branco e sentiam que essa galera não era parte do seu horizonte.

Quando chegou o ano de 2015, eu sabia que precisava mirar em jovens com conceito e respeito dentro da comunidade, como o Vanderson.

Então, fui conversar com o Vanderson, falei das atividades que estavam rolando no morro dos “Moradores em Movimento” e do Levante como o Acampamento Estadual. Eu sempre fui uma pessoa criada dentro de casa, eu nunca fui de sair e conviver com as pessoas que são da minha idade, porque até as pessoas que eram da minha geração, nasceram mais mulheres e os homens, em sua maioria, foram presos ou mortos. As mulheres que eu tinha amizade, já vivenciavam suas vidas de casadas, então não tinham uma convivência dentro da comunidade, eu fui ter essa convivência depois de entrar na militância, pois para poder fazer o trabalho precisava conversar com as pessoas e ter convivência do cotidiano.

Após convidar o Vanderson para participar da atividade do Levante, propus de tentarmos chamar uma galera, pois eu sabia que se o Vanderson colasse na parada ia aparecer gente pra caraca. Nesse fluxo, combinei de fazermos a apresentação dos jovens do morro para a juventude do Levante. Marcamos no sábado para fazermos um pré-acampamento e chegou o dia, dito e feito, apareceram 15 pessoas para conhecerem o Levante. Nós fizemos uma mística, o Bento foi participar, ele é um cara branco e de classe média, combinamos deles ficarem escondidos e inventamos uma encenação de uma dura policial.

Como eu servi o exército, tenho um casaco militar e falei: “Bento, você vai colocar esse casaco aqui, vai botar uma calça, tu vai botar um óculos escuro, vai chegar em cima do Alison, e vai fingir estar dando uma dura policial séria.” Combinei com a juventude do Levante de nos atrasarmos de cinco minutos a dez minutos para darmos uma inquietude no pessoal. Quando tinham passado cinco minutos do horário, a galera perguntou: “qual foi do Levante?”

Eu já mandei mensagem no WhatsApp e o Alison se posicionou na entrada da quadra, o Bento chegou e falou para o Alison: “qual foi, velho? Vem cá!” Já chegou agarrando o meu irmão. Eu falei: “qual foi, mano? Que bagulho é esse? Vocês vão deixar?” Quando o menor levantou, eu disse: “mano não, espera! Está vendo aí, isso é o que os caras estão fazendo!” Nessa já chegou a batucada do Levante com a música: “aaaAAA... Levante-se!” Então eu disse: “estão vendo? Isso é o que a gente sofre. A violência policial é uma autoridade que se der na telha exerce violência contra a população negra favelada.”

Quando chegou o dia do acampamento, nós estávamos preparados para a viagem e éramos apenas quatro jovens. Assim que o pessoal nos viu com as malas, nos perguntaram: “ainda dava tempo de ir?” Deste jeito, mais cinco jovens foram para o Acampamento Estadual. Chegamos no acampamento em uma quinta-feira à noite para voltarmos na segunda-feira. O

Vanderson relatou que no primeiro dia do acampamento o pessoal resolveu ir embora, pois quando chegaram lá, havia várias pessoas brancas e não se sentiram à vontade. Como o gerador tinha pifado, a luz acabou, então eles combinaram de ir embora no dia seguinte.

Quando eles acordaram e começaram a ver os militantes da Rural chegando com a batucada, a galera não só participou de todo o Acampamento Estadual, mas também foi no Acampamento Nacional que aconteceu no mesmo ano.

Figura 5 - Acampamento Estadual “Levante Popular da Juventude”



Fonte: Rede Social “Levante Popular da Juventude”

Ao participar das atividades do Levante no Acampamento Estadual, Vanderson falou que não sabia que tinham tantos pretos na universidade. Ao voltarmos do Acampamento Estadual, nós falamos: “o Levante é isso que vocês conheceram, mas o movimento é maior, é uma organização da juventude a nível nacional, a luta que fazemos aqui, nós fazemos em outros estados. Nós queremos fazer a luta aqui na comunidade, para organizar a juventude e melhorar nossa condição enquanto jovens.”

Dos nove jovens que foram ao Acampamento Estadual, cinco viraram militantes e os outros quatro ficaram acompanhando o trabalho. De 2015 até 2017, nós organizamos uma célula junto com a juventude que se organizou para ir aos acampamentos. No ano de 2016, quando aconteceu o terceiro Acampamento Nacional, nós tínhamos uma célula territorial consolidada, com militantes, com o trabalho do Pré-Vestibular Popular “Podemos Mais”.

Figura 6 - Célula Territorial Cerro Corá



Fonte: Arquivo pessoal de Alison

O Pré-vestibular popular foi criado em 2016 junto com os “Moradores em Movimento”, o MST e o “Levante Popular da Juventude”, o que trouxe uma notoriedade para o Levante. Deste modo, com o trabalho organizado, o Acampamento Nacional de 2016 foi todo voltado para a cultura com a presença de 7.000 jovens no Mineirinho. A territorial do Rio, tinha a tarefa de levar outras pessoas e coletivos das favelas para conhecerem o Levante. Para irmos ao Nacional de 2016, tínhamos um ônibus apenas para a territorial do Cerro.

Figura 7 - Acampamento Nacional



Fonte: “Site Levante Popular da Juventude”

Buscamos ter representantes da juventude das favelas do Rio para conhecerem o movimento. Em uma média geral, nós levamos 35 pessoas, 20 jovens do Cerro, e outras 15 estavam divididas entre as favelas da zona sul, norte e baixada. Nós divulgamos o

Acampamento como uma oportunidade para a juventude das periferias mostrarem seus trabalhos aos jovens que quisessem apresentar sua arte nos *shows* culturais. Assim, nos unimos com a galera da Pereira que realiza as rodas culturais de rap. Quando voltamos do Acampamento Nacional em 2016, fizemos uma roda cultural do Levante junto à roda da Pereira.

Em 2016 foi a época do golpe, foi um momento político que começou a ficar muito difícil para o Levante do Rio de Janeiro, pois a primeira geração que fundou o movimento, estava de saída, devido às cobranças da vida, como terminar os estudos e trabalho. No ano de 2017, o Levante ficou muito fragilizado com a crise, porém, em 2017 temos um marco: a juventude do morro que participou das atividades Levante chegou em cima de mim e disse: “e aí? Não vamos fazer mais a Nós por Nós, não?”

Então nós puxamos de fazer uma limpeza na quadra e a conscientização com os moradores do Cerro. Nesse ano de 2017, percebi que a galera não estava no movimento apenas pelas viagens, compreendi que os jovens se importavam com a luta. Eu sempre disse para os jovens que precisávamos saber qual é a nossa luta, o que fazemos, e a juventude pegou essa responsabilidade de fazer a “Nós por Nós”.

Figura 8 - Mutirão de Grafite



Fonte: Rede Social de Richarlison

No ano de 2018, realizamos o terceiro Acampamento Estadual do Levante, em que tentamos participar da construção e coordenação do Acampamento. Contudo, o espaço de coordenação da militância não é um espaço em que a juventude da favela se sente pertencente,

pois a militância é uma juventude muito representada pelo meio universitário. Como se tem o jovem da favela, que muitas vezes nem terminou o ensino médio, atuando dentro desse espaço? Em 2018 nós conseguimos aproximar outros militantes, como a Angelina e a Beatriz, aproximamos as mulheres e os jovens LGBTs para atuarem no movimento. Então, em 2019, com a pandemia focamos muito na questão da sobrevivência, através do trabalho de doação de cesta básica no morro.

No período atual, mesmo sendo a pessoa que trouxe o Levante para o Cerro, eu não sou mais “o jovem”. Para a juventude do presente eu sou “o tio”. Com o trabalho da criação e manutenção da biblioteca do “Moradores em Movimento”, nós vimos as crianças crescerem e se tornarem a juventude. O pessoal jovem do Cerro sabe o que é o Levante e sabe o que a gente faz, mas nós somos “os tios”, e não conseguimos conversar e alcançar a roda dos jovens.

A conjuntura atual é diferente da realidade de 2015, pois a juventude do morro conhece o Levante, mas precisamos agora apresentar a organicidade do movimento para que a juventude da nova geração assuma a responsabilidade de dar continuidade. Quando entrei para o Levante, eu não sabia para onde o movimento ia me levar, apenas sabia que poderia viajar, se eu não tivesse no movimento, eu não teria ido para o Ceará, não teria ido para Minas Gerais e não teria ido para São Paulo.

Essa foi uma experiência na minha vida de jovem que eu não conheceria sem o Levante. O movimento me ajudou a formar, a alcançar conquistas para mim, como o acesso à universidade. O Levante é uma ferramenta, mas depende de cada um, de como usarão essa ferramenta. Eu usei, apertei meu parafuso e pude aproveitar tudo que o Levante tinha para me oferecer, eu fui para muitos acampamentos, fui para muitas formações, mas agora é o momento que preciso passar esse bastão para a geração atual.

A minha geração pegou um pouco do governo Lula, entrou em um período de recessão de 2016 com o golpe, atravessamos um longo período com os desmontes da extrema direita e agora estamos em um novo quadro político de um governo de esquerda. A atualidade tem um novo quadro de conjuntura política, o Levante de 2014 é totalmente diferente de 2023, o movimento é construído de gente, a juventude é um espaço transitório, então fica o questionamento: como apresentar o “Levante Popular da Juventude” para essa nova geração? O que essa juventude quer?

Quando eu conheci o Levante meu sonho era entrar na universidade, viajar, ter um bom emprego e ter um caminho para poder conquistar meus sonhos. Eu consegui saciar alguns anseios com a minha atuação dentro do Levante. Esse é o trabalho militante, convencer essa

juventude, como fiz em 2015, a entrar em um trabalho de base para mudar suas próprias vidas. Agora, com meus 33 anos, estudante da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, compreendo que a militância é um projeto de vida. Buscamos alcançar um patamar como a galera do Levante do sul conseguiu, o movimento do sul tem 15 anos de célula territorial, com a célula se renovando a cada geração.

No movimento social as pessoas não chegam de graça, precisamos suprir a juventude em suas necessidades. Eu, Richarlison, pude por muitos anos ser a referência do Levante porque eu tenho pai e mãe até hoje, então eu não precisei me esgoelar de trabalhar para poder pagar um aluguel e alimentação, pois em tudo isso meus pais me supriram. Porém, eu sou um ponto fora curva, pois a realidade de muitos outros jovens aqui é diferente. Esses jovens precisam sustentar suas famílias, precisam trabalhar para pagar o aluguel. Na atualidade, a juventude do Cerro sabe o que é o Levante, pois os jovens de hoje cresceram desde a infância vendo o trabalho que realizamos como: o pré-vestibular, as festas juninas, os campeonatos de futebol e as doações de cestas básicas.

Figura 9 - Festa Junina do Cerro Corá



Fonte: Rede Social “Levante Popular da Juventude”

Em relação ao Pré-Vestibular Popular, o cursinho foi criado no ano de 2016 no Cerro Corá junto com o coletivo “Moradores em Movimento” e o MST. O pré-vestibular “Podemos Mais” é uma rede de cursinhos populares criada depois em 2017, a partir da necessidade de unificarmos o trabalho do pré-vestibular popular nos territórios em uma rede nacional. A “Podemos Mais” é uma ferramenta de diálogo com a comunidade, que agrega diversos grupos que queiram contribuir na construção do pré-vestibular. A “Podemos Mais” é esse esforço para

garantir acesso universitário à juventude popular, fortalecendo o embasamento teórico e prático na formação em educação popular.

Figura 10 - Prêmio Paulo Freire



Fonte: Rede Social “Levante Popular da Juventude”

O Levante me ajudou a descobrir o que é uma militância: é a busca de um trabalho revolucionário. Nós estamos no caminho, as ideias socialistas chegaram aqui somente em 1922. Porém, nesse período de 100 anos passamos pela ditadura e o trabalho político foi fragilizado. Temos um país continental, com os 12 anos de governo progressista do Lula tivemos ganhos para a classe trabalhadora.

Durante o trabalho de militância no Cerro, sempre busquei construir acessos para a juventude do morro em um movimento popular. Então, acredito que minha atuação com o Levante foi um trabalho que me formou, seja para o mundo do trabalho, seja para conhecer minha comunidade. Também consegui entrar no estágio da Paineiras Corcovado, pois eles precisavam de pessoas que tivessem conhecimento social e político da comunidade. O conhecimento da comunidade eu pude obter a partir da minha atuação militante, organizando a célula territorial dentro Cerro Corá.

Eu consegui passar para a UERJ porque esse movimento social criou um pré-vestibular que entrou na minha subjetividade de jovem que atua no movimento social. Por meio da luta política pude ter uma formação. O Richarlison de 2011 e 2012 não sabia que poderia fazer uma

universidade, porque me achava muito burro. Hoje, o Richarlison de 2023 adquiriu uma consciência política que me permite atuar em diversos espaços.

Figura 11 - Leitura biográfica de Che



Fonte: Rede Social de Richarlison

Para perpetuar esse trabalho de base, é importante se organizar, a ferramenta que iremos utilizar para nos mantermos organizados pode ser a Associação de Moradores, pode ser através dos movimentos sociais, coletivos, ONGs e Institutos. A criação da Associação de Moradores do nosso território é de 1966, em plena ditadura militar foi uma ferramenta de organização de base popular. Por meio da organização popular podemos propor e fazer mudanças no nosso local.

E para que queremos nos manter organizados? Nós queremos a revolução brasileira, nós queremos ocupar espaços na sociedade, queremos estar nas universidades, queremos ser professores, queremos concretizar nossos sonhos, queremos que nossas conquistas sejam normais na comunidade. Temos vários jovens do Cerro Corá se formando nas universidades e ocupando espaços de poder na sociedade.

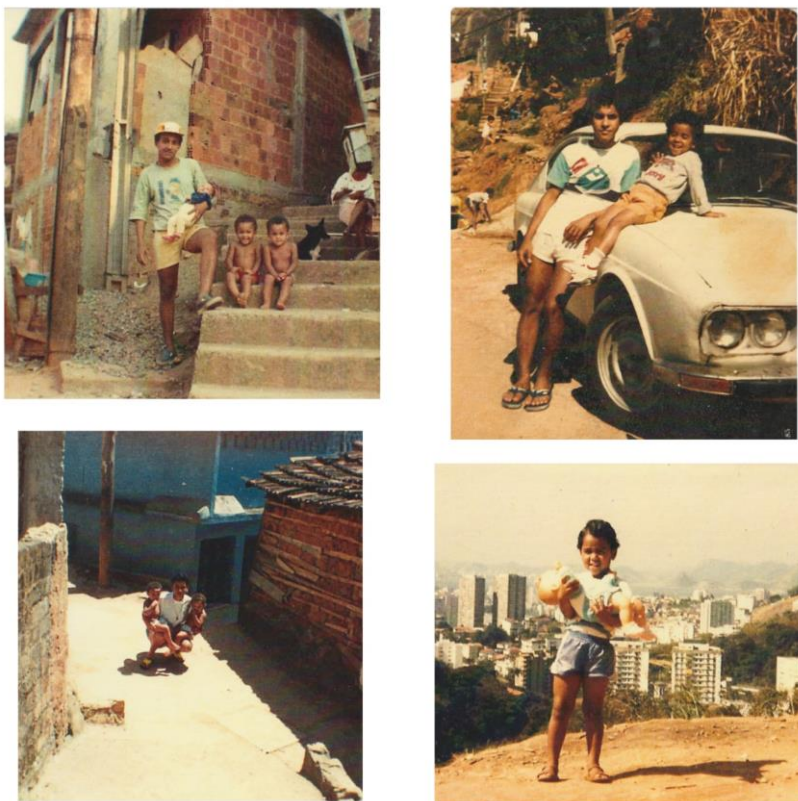
Contudo, é necessário formar politicamente nossos jovens, para que quando alcancem a universidade e se profissionalizem, não se esqueçam que o mérito não foi só deles, mas de todos aqueles que lutaram para pela construção e efetivação de programas como o PROUNI. Precisamos ter o compromisso político com a nossa comunidade, se me formo em Letras é minha obrigação estar inserido nas favelas e ensinar os moradores a lerem. O movimento social

precisa fazer o elo do conhecimento adquirido nas universidades para atender às necessidades das pessoas das favelas.

Não podemos ter um ganho econômico sem o ganho político, precisamos ter a formação para a consciência de classe. Os jovens que se formaram durante governos do PT, de 2003 a 2016, em sua maioria acreditaram que eram da classe média, iludidos que sua formação estava baseada no seu mérito individual. Essa galera que começou a ter acessos a universidade devido às políticas públicas afirmativas do governo PT, não eram pessoas de classe média, eram filhos e filhas de porteiros, filhos e filhas de empregadas domésticas.

Quando iniciei minha trajetória na militância, eu queria trazer a politização para a comunidade. Eu não queria que o jovem daqui tivesse que ir lá para Laranjeiras ou para o Centro da cidade a fim de fazer um curso de animação ou outro curso profissionalizante. Eu desejava que as coisas acontecessem aqui dentro da comunidade. Por que eu tenho que ir para uma biblioteca lá? Por que não fazemos a biblioteca aqui? Por que que para irmos ao museu temos que ir lá fora? Por que não podemos ter o nosso museu e contar a nossa história?

Figura 12 - Memórias do Cerro Corá



Fonte: Acervo digital “Museu Memórias do Cerro Corá”

Durante a atuação militante junto à juventude, fazíamos as rodas culturais, os campeonatos de queimada e as festas. Pois é o que a juventude quer. A juventude quer se divertir, quer seu lazer e quer pensar sua formação. A atuação política para a transformação precisa de uma organização coletiva. A transformação ocorre em um processo de desconstrução pessoal e depois atinge a transformação coletiva. Até os 22 anos eu não tinha a compreensão da importância dos estudos, depois que entrei para o Levante, conheci outros valores como o do companheirismo, as referências de luta como Marighela, a importância da formação profissional e política.

Figura 13 - Foto com Boaventura de Sousa Santos



Fonte: Rede Social de Richarlison

Para o futuro, percebo a necessidade de continuar a atuação militante voltada para o mundo do trabalho no Cerro Corá, através do Movimento Brasil Popular em uma outra tarefa que não está voltada para a organização da juventude.

7.1.1 Discussões: Lembranças de Richarlison

As recordações de Richarlison podem ser interpretadas nos seguintes temas: o papel da mística no “Levante Popular da Juventude”; o que a juventude do Cerro Corá quer? Por fim, o último tema descrito é sobre as transformações sociais e pessoais a partir do engajamento do militante nos movimentos sociais.

A bateria, a mística, os símbolos e bandeiras de luta são narrados por Richarlison e apresentadas nas fotos dos acampamentos e reuniões de células. Tal composição do espaço estão repletos de elementos simbólicos como: tecidos de chita, fotos de referências de luta (como Marighela e Paulo Freire), tamborim, megafone, e bandeiras do movimento LGBTQIA+, do MST, da Via Campesina, de Cuba, do Comunismo e da Reforma Agrária.

Figura 14 - A mística e o Levante



Fonte: Rede social “Levante Popular da Juventude”

Ao relembrar a experiência do acampamento estadual de 2015, quando a juventude do Cerro queria ir embora, o que provocou o desejo de permanência nos jovens foi a chegada dos estudantes da Rural com a bateria. Acerca desse acontecimento, Richarlison descreve: “Quando eles acordaram e começaram a ver os militantes da Rural chegando com a batucada, a galera não só participou de todo o Acampamento Estadual, mas também foi no Acampamento Nacional que aconteceu no mesmo ano”. A bateria do “Levante Popular da Juventude” é o momento em que jovens de diferentes territórios se unem e tocam músicas compostas pelos próprios militantes com letras voltadas para a formação política. Além do caráter de conscientização, a mística representa um elo entre os levantinos, a batucada desperta o sentimento de identificação e pertença com o movimento.

Lauermann (2020) declara que acampamentos são um espaço de formação dos militantes, também possui o caráter organizativo, elegem as coordenações estaduais ou nacional, “projetam o movimento à sociedade e às articulações política; assim como são uma ferramenta de massificação, por aproximar mais jovens ao movimento” (p.32). Os acampamentos também são espaços para a manifestação cultural das juventude: seja em um palco ou em uma roda, a mística é composta por apresentações de teatro, dança, música e

literatura envoltos dos mais diversos temas e questões dos jovens. “Esse é o papel da mística, provocar em cada um a força que o instigue a buscar a sua transformação e, assim, a da sociedade”. (LAUERMANN, 2020, p. 21).

Relembremos a fala de Richarlison sobre o acampamento Nacional do Levante no ano de 2016 que reuniu 7000 jovens no Mineirinho: “Nós divulgamos o Acampamento como uma oportunidade para a juventude das periferias mostrarem seus trabalhos aos jovens que quisessem apresentar sua arte nos *shows* culturais”. A proposta do Acampamento era ser um espaço cultural de livre manifestação artística, então, a Roda de Rap da Pereira se interessou em participar para expressar suas rimas. A valorização cultural da juventude das periferias consolida a união de diferentes forças políticas, mas que compartilham pautas comuns de lutas.

Em sintonia com Richarlison, retomemos as memórias sobre o momento em que ele apresentou os militantes do “Levante Popular da Juventude” para os jovens do Cerro. De acordo com a narrativa, o recurso teatral utilizado foi em busca de suscitar a revolta pela violência policial enfrentada pelos jovens das favelas. A violência policial e a criminalização da pobreza evocam o sentimento de revolta, despertam a conscientização da necessidade de organização da juventude em torno de uma causa: o direito de viver. A cultura da barbárie tem seus reflexos mais nefastos aos brasileiros considerados pelo sistema descartáveis à nova configuração produtiva do capital; tal desdobramento se apresenta no campo da necropolítica, através da opressão e extermínio aos jovens pretos das periferias (FERREIRA, 2013).

É precisamente na oralidade de Richarlison que ocorrem constantes indagações acerca do que a juventude do Cerro Corá quer. Em sua experiência de líder do movimento social “Levante Popular da Juventude”, ele constata que os jovens querem cultura, lazer, pensar sua formação, concretizar seus sonhos, ocupar espaços na sociedade e que suas conquistas sejam normais na comunidade. Em relação a “pensar sua formação”, para atender o desejo da juventude em acessar o ensino superior, o cursinho Pré-Vestibular Popular foi criado. Por intermédio da articulação com a organização popular, eles reuniram diferentes atores sociais para planejarem o projeto, e, após um ano de estruturação, o cursinho foi inaugurado.

Mas, o que faz a juventude querer se organizar? Os narradores afirmaram que as necessidades vivenciadas na realidade do Cerro Corá os conscientizaram da força da organização popular para lutarem e conquistarem seus direitos a partir desse movimento. Essas demandas foram expressas pelas seguintes questões: ameaça de remoção; revolta pela falta de acessos a políticas públicas; opressão sofrida devido à violência policial; falta de oportunidade de trabalho, de lazer e dificuldades para ingressar no ensino superior.

Sob essa ótica, reiteramos que a Psicologia Social latino-americana precisa beber da mesma fonte. Conforme Martín-Baró (2017) declarou, devemos orientar a ciência a responder às necessidades históricas daqueles que ficaram marginalizados do desenvolvimento, que em nossos países são as maiorias populares.

A transformação pessoal concebida por Richarlison ocorreu por intermédio de um sentimento específico de inquietação retratada no seguinte relato: “A minha trajetória começa a partir de uma revolta, de não ter nada aqui no morro”. Richarlison encontrou no movimento social um caminho para que a juventude do morro conquistasse acessos. Em diálogo com Ferreira (2013), devido à crise estrutural do capital, o empobrecimento das camadas populares se agrava diante da ausência de políticas sociais efetivas e do desmonte dos direitos de cidadania.

Na atual conjuntura, as lutas dos movimentos sociais precisam exercer maior radicalidade à margem do sistema, ou seja, fora dos espaços institucionais do capitalismo, em virtude da transitoriedade e intensa precarização dos direitos sociais ao proletariado (FERREIRA, 2013). À vista disso, embora o “Levante Popular da Juventude” possua em uma das suas frentes a luta institucional atrelada ao movimento estudantil, a frente territorial representa um trabalho de base realizado fora dos espaços tradicionais do sistema capitalista. O trabalho de base realizado pelo Levante nas periferias do Brasil apresenta maior notoriedade através das respectivas práticas: o Pré-Vestibular Popular “Podemos Mais” e a iniciativa de solidariedade “Nós por Nós”.

O militante Richarlison avalia que sua atuação no Levante o formou para o mundo do trabalho e o levou a conhecer sua comunidade do Cerro Corá. O conhecimento social e político da favela, fomentado pelo seu envolvimento no coletivo “Moradores em Movimento”, foi fundamental para conseguir o estágio na Paineiras Corcovado, atual local de trabalho. Richarlison passou para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde realiza o curso de História. Ele relaciona o processo de ingressar no ensino superior em momentos distintos. O primeiro está atribuído à superação de uma subjetividade negativa de si mesmo para compreender que podia ingressar na universidade, o segundo está relacionado pelo meio prático de organização política para acessar o ensino superior, o Pré-Vestibular Popular do Cerro Corá. A respeito dessas etapas, Richarlison descreve:

Eu consegui passar para a UERJ porque esse movimento social criou um pré-vestibular que entrou na minha subjetividade de jovem que atua no movimento social. Por meio da luta política pude ter uma formação. O Richarlison de 2011 e 2012 não sabia que poderia fazer uma universidade, porque me achava muito

burro. Hoje, o Richarlison de 2023 adquiriu uma consciência política que me permite atuar em diversos espaços.

Além de ser o militante que levou o “Levante Popular da Juventude” para os jovens do Cerro Corá, Richarlison foi o coordenador estadual do movimento social e liderou a criação do coletivo “Moradores em Movimento” em sua comunidade.

7.2 Lembranças de Rodrygo

O coletivo “Moradores em Movimento” surgiu em 2012. Eu não me compreendia como ator político, nesse ano estava terminando o último ano do ensino médio e meus professores de sociologia e filosofia me mostraram que a política está para além da visão partidária. O professor dividiu as turmas em dois grupos políticos dos candidatos a prefeito do Rio de Janeiro, o meu grupo precisava fazer a defesa do Marcelo Freixo. Ao estudar e pesquisar sobre a história do candidato, me interessei por sua luta. Assim, as matérias de filosofia e sociologia mudaram a minha mente, talvez seja esse o motivo de quererem acabar com tais disciplinas no ensino médio.

De 2013 a 2016, o Rio de Janeiro foi sede da Copa das Confederações, Copa do Mundo, Pan Americano e as Olimpíadas, ocorreram algumas remoções nas favelas da cidade como em Cantagalo-Pavão-Pavãozinho e Vidigal. Nós ficamos com medo de haver remoções no Cerro Corá, percebemos a necessidade de juntar os moradores para conversar sobre o assunto e resgatar a Associação de Moradores. Na época, tínhamos a sede da Associação, porém estava desativada.

Nesse intuito realizamos reuniões, mas sempre iam as mesmas pessoas com um quantitativo muito pequeno. Nós tivemos a brilhante ideia de pegarmos as fotos antigas da favela, convencendo os moradores a emprestarem suas fotos, escaneávamos e devolvíamos na semana seguinte. Dessa forma, conseguimos mais de 500 fotos, fizemos uma exposição, a princípio seria apenas uma, mas um primo meu estudava museologia na época, nos incentivou a fazermos um museu social.

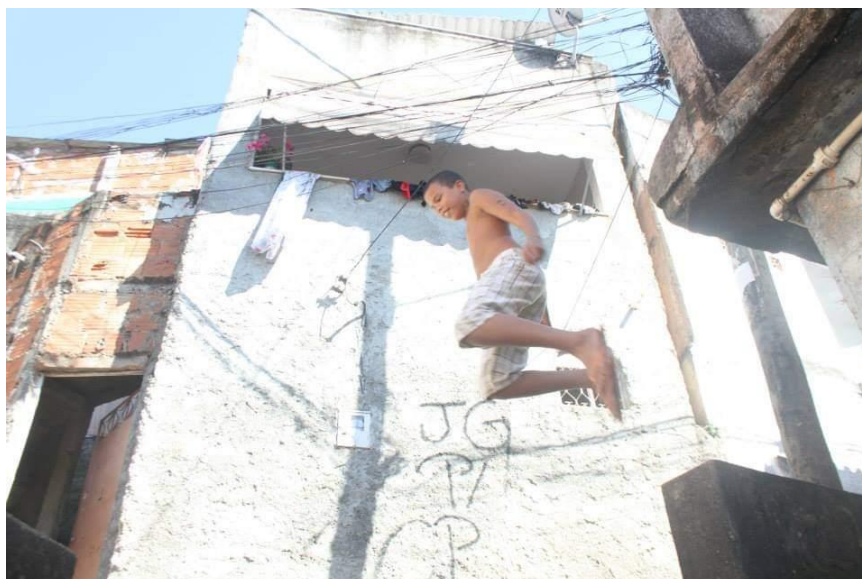
Figura 15 - Memórias do Cerro Corá 2



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

O museu antes era interpretado como algo intocável, absolutamente perfeito, magnífico e sem poeira. Já a museologia social fala a respeito das pessoas que estão inseridas em um determinado espaço. Também tem ecomuseologia social, que envolve o ambiente, as pessoas que compõem o território, as histórias do lugar como: o tênis que está pendurado no poste, a bola rolando, ou seja, as particularidades do local e de seus moradores.

Figura 16 - Memórias do Cerro Corá 3



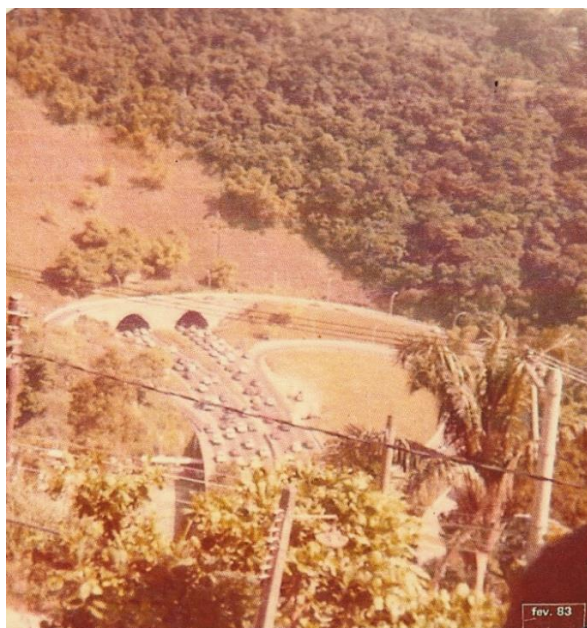
Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Assim como a cidade possui seus monumentos históricos, nós possuímos os nossos monumentos, assim como a cidade possui seus heróis, que de forma predominante, não representam a classe pobre e trabalhadora, nós na favela do Cerro Corá temos os nossos heróis. Por exemplo, Seu Carlos Alberto, antigo presidente da Associação dos Moradores, morreu com 96 anos, sua cabeça era um HD superpotente, lembrava de fatos e acontecimentos em detalhes. É muito gratificante termos os vídeos de Seu Carlos narrando as histórias dos moradores.

Nós pesquisamos sobre a história do Cerro Corá, porque o nome, desde quando, primeiros moradores, primeiras casas de alvenaria. Os antigos participantes da Associação de Moradores nos contaram acerca da chegada da água, da energia elétrica e do asfalto. A chegada do asfalto e da água aconteceu em 1980 devido a possibilidade de ida do Papa João Paulo II a favela do Cerro Corá.

A localização da favela do Cerro Corá é na segunda galeria do Túnel Rebouças, perto do Cristo Redentor e próximo às comunidades do Guararapes e Vila Cândido. A história do Cerro Corá está relacionada à guerra do Paraguai, talvez por homenagem aos paraguaios que se rebelaram contra Solano López ou uma chacota aos paraguaios que perderam a guerra para o Brasil. Os primeiros relatos da ladeira Cerro Corá foram no ano de 1948.

Figura 17 - Memórias do Cerro Corá 4



Fonte: Acervo digital Museu “Memórias do Cerro Corá”

Quando fizemos a exposição, estavam envolvidos apenas alguns moradores do morro: eu, Richarlison, Alison, Matheus, Letícia, Mônica e Antony. Tivemos a participação das militantes do “Levante Popular da Juventude” Tamires, Marta, Caroline, Barbara e Adriane, elas não são moradoras do Cerro, mas tiveram importante contribuição para nossa organização.

Figura 18 - Exposição



Fonte: Acervo digital Museu “Memórias do Cerro Corá”

Nesse interim, fomos conhecendo o “Levante Popular da Juventude”, podemos considerar que o Richarlison é um levantino fanático, eu atuei criando muitas faixas para o movimento social.

Figura 19 - Faixas para Protesto



Fonte: Rede Social “Levante Popular da Juventude”

Para conseguirmos ampliar as fotos e passarmos os vídeos dos bailes antigos, nós fizemos uma rifa de chocolates que custava R\$ 2,00, e conseguimos levantar o valor de R\$ 486,00. Nós ampliamos as fotos e passamos os vídeos dos bailes de quando o Stevie B. e Korell se apresentaram no morro. Stevie B. é um dos ícones do Funk Melody no Brasil e no mundo. O cantor veio algumas vezes no Cerro, realizou bailes que representam parte da história do morro.

Figura 20 - Baile

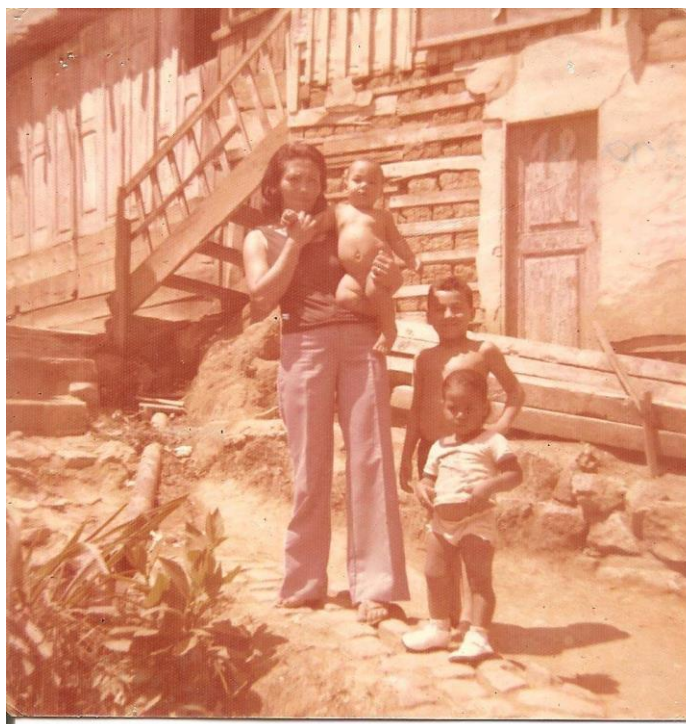


Fonte: Acervo digital Museu “Memórias do Cerro Corá”

Íamos de casa em casa, conversando com os moradores para conseguirmos as fotos. Fomos de casa em casa para levantar doações de ingredientes para um bolo de seis tabuleiros que foi distribuído na exposição. Para levantar tais ingredientes, falamos aos moradores que cada um precisava doar apenas uma parte, pois queríamos que o máximo de pessoas pudessem contribuir e participar. Assim um morador fazia o bolo, mas outro era o que confeitava.

A primeira exposição foi no dia 18 de agosto de 2013, na quadra do Cerro Corá. Durante a exposição do vídeo as pessoas iam reconhecendo os moradores e falando como cada um mudou. As fotos que as pessoas foram ver na quadra representam as suas próprias histórias, o caminho que sua mãe passou, as lembranças de como o caminho era no passado, são recordações compartilhadas.

Figura 21 - Memórias do Cerro Corá 5



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Teve uma vizinha que faleceu no dia 14 de agosto e a exposição iria acontecer no sábado. Nós pensamos em adiar o evento, mas seus filhos disseram que não era para adiar, pois a sua mãe não desejaria atrapalhar a festa de ninguém. Para homenageá-la, íamos fazer um minuto de silêncio, porém o filho dela afirmou: minha mãe gostava de uma cerveja, de um samba, de uma fofoca, então vamos bater palmas ao invés de silêncio. Dessa forma, em homenagem a vizinha, toda a quadra se reuniu, batemos palmas a ela e foi um momento de grande emoção.

Nessa exposição tinha uma adolescente que não conheceu seu irmão, pois ele tinha morrido por envolvimento no tráfico. As fotos que o irmão possuía, ele se desfez para dificultar que os policiais o encontrassem. Já com seus 15 anos, pela primeira vez a adolescente pôde ver através das fotos dos vizinhos a imagem do seu irmão falecido. É muito recompensador pensar em tudo que vivemos, cada dia foi mais emocionante que o outro, e nesse ano de 2023 fazemos dez anos de luta.

Figura 22 - Moradores do Cerro Corá



Fonte: Acervo digital do Museu “Memórias do Cerro Corá”

A partir da criação do Museu do Cerro Corá, conhecemos e fomos conhecidos pelas universidades do Brasil. O Museu foi início da nossa jornada de luta, depois conquistamos o espaço da Associação dos Moradores com a biblioteca do Cerro Corá. A biblioteca foi construída em um período de risco de invasão do espaço da Associação de Moradores pela UPP. Então, tivemos a ideia de colocarmos muitos livros no local para impedir tal ocupação. A biblioteca do Cerro é um espaço onde as crianças estão, com brincadeiras, danças, músicas, livros rasgados e livros novos.

Figura 23 - Biblioteca Comunitária



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Com a chegada das UPPs no morro, sofremos muitos esculachos policiais, intimidações e violência. Como na vez que os policiais pegaram alguns adolescentes fumando maconha, então os militares bateram neles, os fizeram comer a maconha e os deixaram nus. Esgoto a céu aberto, lixo abandonado, buscávamos fazer as denúncias dessas injustiças.

Através do coletivo “Moradores em Movimento” também desenvolvemos o Cine Morrão, ganhamos de doação um retroprojetor, e de 15 em 15 dias passamos filmes para os moradores. Os filmes escolhidos eram os não hollywoodianos, como: Notícia da guerra particular, O preço do amanhã, Cortina de fumaça, dentre outros. Sempre chamávamos um especialista do assunto para abordar as temáticas dos filmes.

Figura 24 - Cine Morrão



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

O “Moradores em Movimento” é constituído por diversos trabalhos: museu, a biblioteca, o Pré-Vestibular Popular. Após a ativação da Associação de Moradores, formamos uma comissão que consegue dialogar a respeito das necessidades dos moradores com o presidente da Organização. O caminho da militância trouxe para nós um reconhecimento, a minha mãe chorou muito quando soube que ao colocar no Google “Rodrygo Silva Cerro Corá” aparece a foto do filho dela. Minha mãe estudou até a terceira série, passou fome e veio do Nordeste em uma vida muito sofrida. A mãe do Richarlison também sente a mesma emoção, o pai dele sente orgulho de saber que seu filho tem uma foto com o presidente do Brasil. Essa foto do Richarlison é com o presidente Lula segurando uma camisa com a minha arte.

Figura 25 - Foto com Lula



Fonte: Rede Social de Richarlison

As nossas lutas misturam pessoal, cultural e o social. Eu desenho desde criança, mas por causa da militância passei a pintar quadros majoritariamente sobre a favela. Pude vender meus quadros mundo a fora. Quando fizemos uma camisa para nosso grupo, fiz um desenho no papel e buscamos fazer uma tela a partir da arte. Após aprender a pintura na tela para as camisas, fizemos as camisas para o grupo e depois fiz as minhas próprias camisas para vender.

Figura 26 - Arte



Fonte: Rede Social de Rodrygo

Nesse sentido, criei uma marca chamada “Favela Carioca”, com base na nossa militância, o sofrimento, a nossa luta, o sucesso e o fracasso. A marca “Favela Carioca” busca problematizar como os jovens das favelas agredem e são agredidos por uma roupa de marca. Essas grandes marcas “Nike” e “Redley” nem sabem que existimos, são roupas caras, então: porque as favelas não produzem suas próprias roupas?

Eu não fui criado no Cerro Corá, eu nasci no Morro do Vidigal. Em 1996, aconteceu um desabamento no Vidigal e eu fui removido da favela junto com a minha família. A minha família não foi afetada pelo desabamento, mas eu perdi oito amigos, todos da minha idade e uma adulta que estava grávida. A segunda remoção foi na Vila Alice no ano de 2008, eu comprei minha casa, mas a prefeitura ia remover, pinteí faixas e cartazes, mobilizamos a mídia, nós só queríamos um teto para morar. Com o dinheiro da indenização comprei minha casa no Cerro.

Em meus desenhos eu tento reproduzir essas lembranças no papel, eu não falo de violência, eu não falo de morte, eu falo da favela. Falar de favela é falar da pipa, é falar da lata d’água na cabeça, é falar da bola de gude. Das dez exposições que fiz, eu tentei juntar as minhas duas trajetórias de vida, a militância e a favela, esses dois caminhos se encontraram, por isso,

disso e para isso. A militância me jogou em um túnel, não dava para parar, vamos o trem está vindo! E vamos! Nós fomos. É a cultura, é o esporte, fomos, cada vez estávamos abraçando mais coisas.

Figura 27 - Arte 2



Fonte: Rede Social de Rodrygo

A questão do Pré-Vestibular, hoje temos as parcerias com o “Levante Popular da Juventude” e o MST, isso foi algo que em minha imaginação nunca pensei que poderia acontecer. Porém, quando aconteceu nós fomos fundo e lutamos juntos. Foi uma realização pessoal, pois nos últimos anos 24 moradores entraram para as universidades através do Pré-Vestibular Popular. Em sua maioria, o acesso foi para as universidades públicas de pessoas que estavam há 20 anos sem estudar, e os que passaram para as universidades particulares entraram com bolsa. Nós conseguimos colocar o nome Cerro Corá na mídia, fora das páginas policiais, nós somos um coletivo cultural, com quadros, museu, cinema e biblioteca.

7.2.1 Discussões: Lembranças do Rodrygo

As lembranças de Rodrygo são memórias cheias de significado e sensibilidade. Para a análise dessas recordações, subdividimos nos seguintes assuntos: a recuperação da memória histórica do Cerro Corá; a valorização das virtudes populares; transformações sociais e pessoais a partir de seu envolvimento nos movimentos sociais. A temática comum que se apresenta em todas as narrativas, sobretudo no depoimento de Rodrygo, é a necessidade identificada por ele

de recuperar a memória histórica do morro. Tal tarefa é relatada com a busca pelos marcos históricos da favela do Cerro Corá: a chegada da água, luz, asfalto, bailes, o resgate de fotos dos moradores e as experiências contadas das pessoas que compuseram no passado a Associação dos Moradores.

Dessa perspectiva, a ultrapassagem do presente psicológico, para um “aqui” e “agora” com “antes” e “depois”, explica a realidade vivenciada e traz possibilidades e vislumbres para o futuro, por meio das referências de luta do passado (MARTÍN-BARÓ, 2012). “Trata-se de recuperação não somente no sentido da própria identidade, não somente o orgulho de pertencer a um povo [...], mas, sobretudo, de resgatar aqueles aspectos que serviram ontem e servirão hoje como modelos de identificação” (MARTÍN-BARÓ, 2012, p. 195).

Na seguinte narrativa, Rodrygo relata sobre a recuperação da memória histórica do Cerro Corá: “Assim como a cidade possui seus monumentos históricos, nós possuímos os nossos monumentos, assim como a cidade possui seus heróis, que de forma predominante, não representam a classe pobre e trabalhadora, nós na favela do Cerro Corá temos os nossos heróis”. Portanto, a memória constitui um sentimento de identidade, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p.204).

A escuta dos relatos orais do seu Carlos Alberto sobre as histórias do morro apresentada por Rodrygo revela grandes tesouros que compõem a memória oral. As memórias orais são construídas em torno de pessoas, pessoas que viveram experiências cheias de sentido, sabedoria e significado.

A oralidade “admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações” (THOMPSON, 1997, p. 44).

A construção do museu do Cerro Corá revela esse espaço de celebração às memórias do morro e de valorização à cultura do local. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a memória emerge de um grupo que ela une, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 2012, p.9). A valorização cultural de um povo considera a potencialização das virtudes populares (MARTÍN-BARÓ, 2017).

O regaste das memórias históricas e o reconhecimento das virtudes populares devem servir para um fim; esse fim está distinto nas narrativas de Richarlison e Alison e se manifesta nos escritos de Martín Baró (2017). “De nada serviria a conscientização sobre a própria

identidade e sobre os próprios recursos se não são encontradas formas organizativas que conduzam os interesses das maiorias populares para o confronto social”. (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.84).

O enfoque do militante Rodrygo em seus desenhos e pinturas expressa suas lembranças pessoais no papel acerca da favela, expressões artísticas que denotam sua perspectiva sobre o contexto em que vive. Rodrygo aborda: “em meus desenhos eu tento reproduzir essas lembranças no papel, eu não falo de violência, eu não falo de morte, eu falo da favela. Falar de favela é falar da pipa, é falar da lata d’água na cabeça, é falar da bola de gude”. O olhar de Rodrygo está nas virtudes populares, nas crianças brincando, nas canções no violão, no lugar de encontro, na vida compartilhada no espaço comum, um lugar de todos.

O reconhecimento das virtudes populares é compreendido por Martín-Baró (2017, p.63) nos seguintes prismas: “assumir a perspectiva do povo; aprofundar o conhecimento de sua realidade, comprometer-se criticamente com um processo que dá ao povo o poder sobre sua existência e seu destino”. Rodrygo revela que a militância o levou a pintar quadros acerca da favela, e assim pode vender quadros mundo a fora, realizar diversas exposições e discorrer sobre suas experiências em espaços universitários. Para ele, estar na organização popular é estar em movimento, abraçando as causas uns dos outros, juntos, correndo em um túnel para não serem pegos pelo trem.

7.3 Lembranças do Alison

O coletivo “Moradores em Movimento” nasceu em 2013, porém essa ideia foi cultivada desde 2009, através de conversas sobre a necessidade de construir um espaço que contasse a história dos moradores e da importância de ocuparmos a Associação de Moradores que estava inativada. Em nossa época, crescemos com uma Associação de Moradores organizada, o que nos permitiu alguns acessos em projetos trazidos para o morro. Com o passar do tempo, quando tinha 13 anos, essas ações pararam de acontecer.

Assim, não tínhamos mais os passeios, vacinação e várias atividades que Associação de Moradores desempenhava. Então apesar de termos a referência do passado, quando chegamos à juventude, pensávamos: o que podemos fazer para esse espaço voltar a ser ocupado? No ano de 2012, nós começamos a participar da campanha do Freixo, pois queríamos fazer parte desse momento político que mobilizou vários setores da sociedade no período. Era a possibilidade de elegermos um prefeito da esquerda.

Esse envolvimento nos impactou, pois decidimos integrar os comitês populares que existiam pela cidade desenvolvido pela galera do PSOL. A partir do Comitê do Largo do Machado, iniciamos as atividades de panfletagem. Nessa época, começamos a participar dos atos e a nos envolvermos com os movimentos sociais. Conhecemos as militantes Tamires e Marta que nos convidaram para compor as manifestações junto com “Levante Popular da Juventude”.

Quando tudo ficou mais sério, os grupos do Black Block iniciaram com os quebra-quebras, eu percebi que fazia mais sentido participar das manifestações com o Levante, pois não estaria mais só. Junho de 2013 nos despertou o desejo de sermos a revolução, de trazeremos melhorias e possibilidades para a nossa comunidade, nós queríamos que as pessoas vivessem e se movessem dentro dessa perspectiva. Eu e meu irmão começamos a participar dos processos de organização do “Levante Popular da Juventude”.

Quando findou as eleições, o Freixo não ganhou, mas tivemos o ganho político de estarmos inseridos em espaços de debates de ideias com pessoas que tinham experiência na organização popular. Então no ano de 2013 alguns militantes do PSOL e do “Levante Popular da Juventude” embarcaram na ideia de nos reunirmos para pensarmos junto aos moradores maneiras de reativar a Associação de Moradores. De início criamos o coletivo “Moradores em Movimento” como uma forma de mobilizar os moradores a fim de trazer novas perspectivas para o morro.

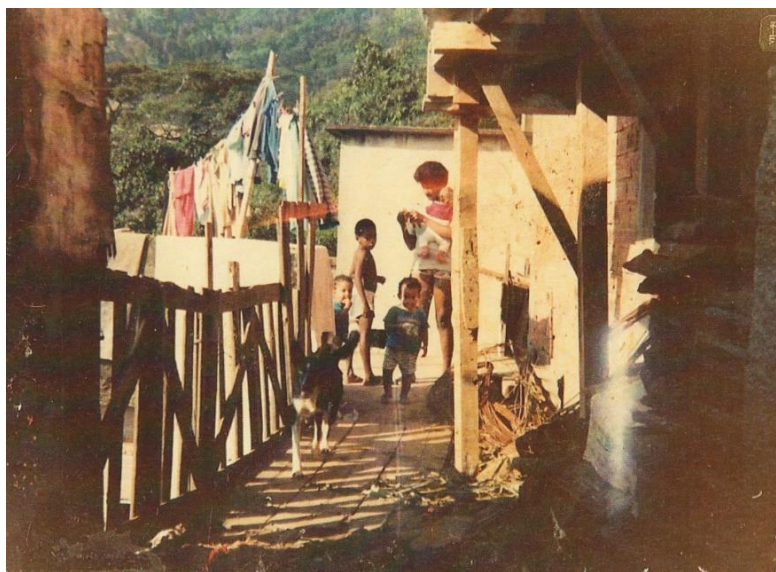
Figura 28 - Cerro Corá 'Moradores em Movimento'



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Nesse sentido, introduzimos a ideia de criação do Museu Comunitário, através de um amigo que estava se formando em museologia. Por conseguinte, iniciamos a busca por fotos antigas do morro e, nesse processo de luta, ocorreu a regularização dos museus comunitários no Rio de Janeiro. Foi estabelecida uma normativa sobre os pontos de memória na cidade, isso fortaleceu nosso projeto, por morarmos aos pés do Cristo Redentor, sempre víamos o potencial da nossa favela ser como Santa Marta.

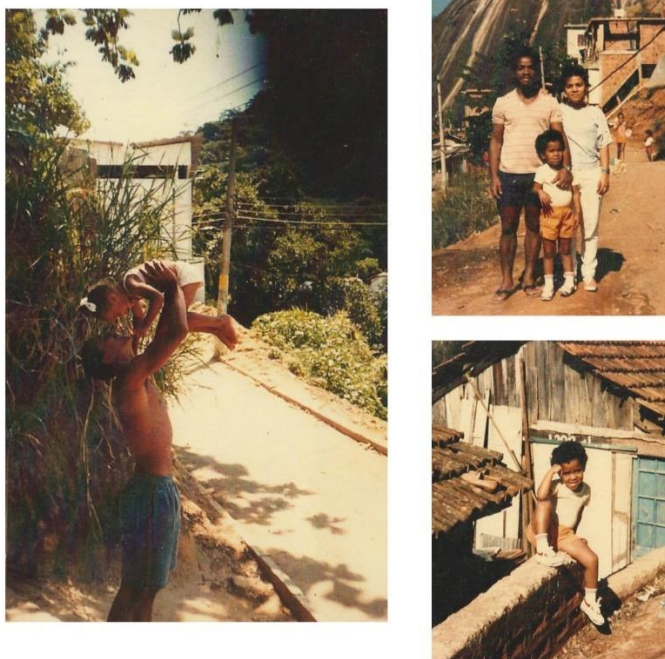
Figura 29 - Fotos antigas do morro



Fonte: Acervo digital Museu “Memórias do Cerro Corá”

Nossa ideia de construirmos o Museu também partia da possibilidade que outras pessoas reconhecessem nossa história e trouxesse outros capitais para o morro, gerando outros movimentos para a comunidade. Conseguimos fazer a captação de fotos, depoimentos dos moradores e realizamos uma exposição da comunidade.

Figura 30 - Memórias do Cerro Corá 6



Fonte: Acervo digital Museu “Memórias do Cerro Corá”

Quando íamos realizar as gravações dos relatos dos moradores, tínhamos uma grande quantidade de crianças que iam brincando pelo caminho e vinham participar das nossas reuniões na Associação de Moradores. Com a vinda das crianças, organizamos moradores para fazerem práticas de contação de histórias. Essa atividade passou a ser presente em todas as nossas reuniões, porém, o espaço da Associação estava muito velho, com objetos quebrados.

Logo, decidimos fazer uma reforma no local e constituir uma biblioteca comunitária. Recebemos diversos livros de doação e fomos construindo a biblioteca do Cerro Corá. Em 2014 recebemos o incentivo do Conexão à Leitura e fomos subsidiados por essa rede de bibliotecas. A partir dessa instituição, tivemos um suporte financeiro para a manutenção do espaço.

Figura 31 - A Leitura muda a vida



Fonte: Acervo digital do Museu “Memórias do Cerro Corá”

Em 2014, com o desejo de entrarmos na universidade, eu e meu irmão víamos a necessidade de termos um cursinho Pré-Vestibular dentro da comunidade. Com o nosso envolvimento nos movimentos sociais MST, “Levante Popular da Juventude” e o coletivo “Moradores em Movimento”, reunimos esses atores sociais para pensarmos a ideia do Pré-Vestibular Popular. No ano de 2015, começamos a estabelecer uma Coordenação Pedagógica e em 2016 o Pré-Vestibular foi criado. Depois no ano de 2017, a rede de cursinhos pré-vestibular do “Levante Popular da Juventude” o “Podemos Mais” foi inserida na coordenação.

Figura 32 - Inauguração do Pré Vestibular do Cerro Corá



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Também construímos o Projeto “Nós por Nós”, iniciativa do “Levante Popular da Juventude”. Essa era a forma de darmos a dimensão prática e de trabalho às reuniões de células que fazíamos com os jovens do morro. Por exemplo, as células estudantis organizam seus trabalhos nos Centros Acadêmicos e nos Diretórios em projetos de lutas que estão inseridos dentro das universidades. Já nas células territoriais, precisamos organizar os jovens em ações concretas. O Levante optou para dentro dos grupos comunitários a organização de um dia para o Projeto “Nós por Nós”. É um dia para realizarmos mutirão de limpeza, mutirão de grafite, oficinas de turbante, criando mecanismos de fortalecimento das células territoriais.

Figura 33 - “Nós por Nós”



Fonte: Rede Social “Levante Popular da Juventude”

A segunda iniciativa de recursos que conseguimos foi o Programa Socioambiental Favela Parque, nesse ano de 2023 o projeto está sendo implementado. Nós concorremos no edital e ganhamos para participar do projeto da biblioteca histórica. O dinheiro concedido precisa ser revertido no fomento de ações socioambientais diversas dentro da comunidade, a partir do conhecimento dos moradores em iniciativas que já existem no morro.

Os moradores são os próprios organizadores do projeto e contemplados pelo financiamento. Dessa forma, construímos mecanismos para a institucionalização das iniciativas e a cada três anos há uma mudança de quem ficará à frente do edital. Essa proposta visa que os moradores se apropriem do projeto, participando de todas as etapas de execução do edital.

Hoje, buscamos pensar para além do projeto da biblioteca e do museu, em mais formas de utilizamos o espaço da Associação de Moradores. Esse espaço é reconhecido como um local

de organização dos moradores e de comum convivência entre os vizinhos. O nosso desafio é fortalecer o espaço de convivência desses moradores, permitindo possibilidades de construção junto às iniciativas que existem dentro da comunidade. Ser um espaço de todos para todos, um lugar aberto com acesso a cursos. Tudo que os moradores precisam, esse local pode ofertar.

Em resumo, no presente estamos em movimento, envolvidos com o Pré-Vestibular Popular e o Projeto Favela Parque para fortalecer a Biblioteca e o Museu Comunitário do Cerro Corá. Planejamos criar um tour cultural, temos as fotografias de nossa história digitalizadas, iremos colocar os QR Codes no corredor para que as pessoas possam ver contraste do antes e o depois nos locais da favela.

O envolvimento com os movimentos sociais me possibilitou ter conquistas pessoais, me deu garantias, pude ter muitos aprendizados por meio das formações. Talvez eu não seria o Jeferson de hoje se não tivesse tido a experiência de conhecer os movimentos sociais, eu teria a mesma cosmovisão que o sistema propaga para nós. O sistema apresenta uma perspectiva de vida limitada para os jovens pretos moradores da favela.

Depois que participei do Levante, eu não me achava mais uma pessoa burra, não achava que era incapaz. Passei a entender o porquê que não tivemos acesso à educação decente, porque temos limitações de escrita e leitura, e o que poderia fazer para superar essas limitações. Estar presente no movimento social abre possibilidades de acesso e permanência nas universidades para os jovens da periferia.

Figura 34 - “Levante Popular da Juventude”



Fonte: Rede Social “Levante Popular da Juventude”

Nossos pais nasceram com perspectiva apenas de casa e trabalho, trabalho e casa, beber uma cerveja no final de semana, fazer um churrasco, e assim a vida está boa, pois estão

trabalhando, mas a vida não é só isso. Devemos pensar sempre grande do que podemos melhorar, a perspectiva dos meus pais é o que o sistema introjeta em nós, que vivamos em subempregos e que passemos isso para a próxima geração. O sistema quer que não ocupemos espaços de poder.

Quando passamos a refletir que podemos ocupar os espaços da sociedade, eu posso estar em qualquer lugar, onde eu queira estar. Depois de todo esse processo, penso que posso desejar e ocupar espaços, ingressei no curso de história da UERJ. Contudo, percebo a necessidade de estar envolvido com um trabalho que permita gerar empregos para os outros moradores do morro. Como a iniciativa Favela Parque possibilita emprego dos moradores, através da concessão dos editais.

Dessa forma, preciso me aprimorar para compor e executar esse projeto. O movimento social me passou essa visão da estruturação pelo aprendizado para compor diferentes espaços da sociedade. A organização popular visa dar oportunidades, seja em uma formação política que se constrói ao longo da prática, seja com trabalhos prontos como o Pré-Vestibular Popular ou uma horta comunitária.

Figura 35 - Horta Comunitária



Fonte: Rede Social Memórias do Cerro Corá

Foram tantas conquistas que vivemos ao longo desses dez anos, precisamos estar organizados. Também foi uma formação política que levarei para o resto da vida. Entendo hoje que se pude construir um projeto social para a minha comunidade, eu tenho a capacidade de ocupar qualquer espaço que desejo estar.

7.3.1 Discussões: Lembranças do Alison

As recordações de Alison contemplam uma dimensão subjetiva sobre sua trajetória nos movimentos sociais. Para a discussão dessa narrativa, os temas foram divididos da maneira a seguir: referências do passado para lutas no presente; superação da visão ideologizada de vida; leitura consciente da realidade ao seu redor e transformações sociais e pessoais através da participação no coletivo “Moradores em Movimento” e “Levante Popular da Juventude”.

As lembranças da antiga Associação de Moradores contribuíram para Richarlison e Alison tivessem uma referência de como poderiam, no presente, ter mais acessos a cursos e oportunidades no Cerro Corá. Em relação a Associação, Alison afirma:

Em nossa época, crescemos com uma Associação de Moradores organizada, o que nos permitiu alguns acessos em projetos trazidos para o morro. Com o passar do tempo, quando tinha 13 anos, essas ações pararam de acontecer. Assim, não tínhamos mais os passeios, vacinação e várias atividades que Associação de Moradores desempenhava. Então apesar de termos a referência do passado, quando chegamos à juventude, pensávamos: o que podemos fazer para esse espaço voltar a ser ocupado?

Esse movimento, permitiu-os descobrir, mediante à memória coletiva, “os elementos do passado que foram eficazes para defender os interesses das classes exploradas e que voltam outra vez a ser úteis para os objetivos de luta e de conscientização” (FALS BORDA, 1985, p.139).

No entender de Alison, o envolvimento com os movimentos sociais o possibilitou ter conquistas pessoais e sociais, garantias, e aprendizados por meio das formações. O militante compreende que sem a experiência de estar nos movimentos sociais ele poderia ter uma visão ideologizada da vida. A participação no “Levante Popular da Juventude” e no coletivo “Moradores em Movimento” o levou a entender que não era incapaz de ocupar espaços da sociedade que almejasse estar.

É preciso contribuir para desideologizar a experiência cotidiana. Sabemos que o conhecimento é uma construção social. Nossos países vivem submetidos à mentira de um discurso dominante que nega, ignora ou disfarça aspectos essenciais da realidade. Dessa forma, vai se conformando um fictício senso comum, enganoso e alienador, sustentado para a manutenção das estruturas sociais de exploração. Desideologizar significa resgatar a experiência original dos grupos e das pessoas e devolvê-las como dado objetivo, o que lhes permitirá formalizar a consciência de sua própria realidade (MARTÍN-BARÓ, 2017, p. 193).

A transformação pessoal de Alison também passa pelo saber dos porquês: porque não teve acesso à educação, porque tinha dificuldades com escrita e leitura. Com base na leitura crítica da realidade histórica em que vive, além de entender os porquês, ele pôde perceber como superar tais desafios. Tal constatação tece um diálogo com Gentili (2009) sobre os desdobramentos do fracasso escolar em que educação pública nos territórios periféricos se tornou um dispositivo de exclusão pela falsa inclusão.

Ao fim da entrevista, o militante elabora considerações de como superar o comportamento conformista: “Devemos pensar sempre grande do que podemos melhorar, a perspectiva dos meus pais é o que o sistema introyeta em nós, que vivamos em subempregos e que passemos isso para a próxima geração”. Para entender a alienação presente na ideologia dominante enraizado na vida cotidiana, é preciso desvelar o senso comum (MARTÍN-BARÓ, 2017). Nesse prisma, Martín Baró (2017) declara “O senso comum é o conjunto de pressupostos que tornam possível a vida cotidiana, a interação ‘normal’ entre as pessoas, os elementos que são assumidos como óbvios e, por isso mesmo, nunca ou raramente são questionados” (p.105).

Alison expõe sua reflexão sobre o fatalismo: “Nossos pais nasceram com perspectiva apenas de casa e trabalho, trabalho e casa, beber uma cerveja no final de semana, fazer um churrasco, e assim a vida está boa, pois estão trabalhando, mas a vida não é só isso”. O termo “fatalismo” significa fado, e se manifesta em comportamentos de conformidade aos fatos da vida, caracterizada “em seu triplo caráter: ideacional, afetivo e comportamental” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.175).

As ideias mais comuns da atitude fatalista são: os principais aspectos da vida das pessoas são definidos pelo seu destino [...], a existência individual não é mais do que o desdobramento desse projeto de vida predeterminado pela sina de cada um; as pessoas não podem fazer nada para evitar ou mudar seu destino fatal, a vida dos seres humanos está regida por forças superiores, alheias ao próprio controle e poder; os marcos de referência dos povos latino-americanos, predominantemente religiosos, consideram que o destino das pessoas é atribuída a Deus (MARTÍN-BARÓ, 2017, p.175).

Os afetos que apresentam na síndrome fatalista: aceitação submissa do destino de cada um; a vida é uma provaçãõ exigente e dolorosa (MARTÍN-BARÓ, 2017). Os traços de comportamento mais característicos do fatalismo são: o conformismo em relação ao próprio destino; a passividade diante da vida; a redução do horizonte de vida ao tempo presente (MARTÍN-BARÓ, 2017). O fatalismo é uma realidade estrutural que implica na formação da subjetividade entre os grupos e as pessoas que compõem a sociedade, logo, essa ideologia

configura concepções que resultam nos processos de dominação, e permite a um grupo impor seus interesses sobre os demais (MARTÍN-BARÓ, 2017).

A colonização social se apresenta como uma realidade natural e consegue se enraizar quando está introjetada ideologicamente na mente de pessoas e grupos (MARTÍN-BARÓ, 2017). “Por isso, o fatalismo é de ordem social, externa e objetiva, antes de se converter em uma atitude pessoal, interna e subjetiva” (MARTÍN-BARÓ, 2017. p. 194). Conforme Martín-Baró (2017), a eliminação do fatalismo não é determinada pelo ato de “mudar o indivíduo ou mudar suas condições sociais” (p.197), a questão envolve a mudança da relação entre o indivíduo e seu mundo.

Nesse processo dialético, podemos citar três mudanças sociais capazes de eliminar a atitude fatalista no sujeito: “a recuperação de sua memória histórica; a organização popular; e a prática de classe” (MARTÍN-BARÓ, 2017, p 197). Deste ângulo, a recusa de um destino injusto realizada por Alison aponta para sua trajetória e engajamento na organização popular (“Levante Popular da Juventude” e “Moradores em Movimento”), desenvolvimento da consciência de classe (formação política e leitura crítica da realidade ao seu redor) e a recuperação das referências históricas de luta (busca pelas histórias dos líderes da antiga Associação de Moradores).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos avaliar que as mudanças que o movimento social gerou na experiência de vida dos militantes do Cerro Corá manifestaram-se nos seguintes aspectos:

- Nas novas percepções subjetivas de suas identidades e realidade presente ao seu redor;
- Nas conquistas pessoais e sociais que, através de uma práxis de luta, garantiram aos moradores do morro a consciência política por direitos;
- Na transformação da percepção de horizontes de possibilidades para o futuro.

Para trilhar esse caminho de ações voltadas para a transformação do seu território, os militantes do Cerro Corá protagonizaram o processo de formação política composto por distintas etapas:

- A superação do triplo caráter do fatalismo (MARTÍN-BARÓ, 2017);
- O processo de desideologização do senso comum (MARTÍN-BARÓ 2017);
- A recuperação da memória histórica de seu povo (MARTÍN-BARÓ 2017);
- A valorização das virtudes populares (MARTÍN-BARÓ, 2017);
- A organização popular para práticas concretas de mudança social (MARTÍN-BARÓ, 2017).

A superação do fatalismo no nível ideológico se desenvolve pela consciência de classe e pela organização popular (MARTÍN-BARÓ, 2017). Não existe libertação popular apenas no âmbito das ideias, todas as ações e práticas desempenhadas pelos militantes do Cerro Corá foram voltadas para a transformação concreta de sua comunidade. Para a superação das ideologias, é preciso desvendar os mitos da falsa consciência. Adquirir a lucidez requer constatar papéis sociais que se reproduzem no nível ideológico, como *modus* “de manutenção da sociedade de classes, onde uns poucos dominam e muitos são dominados através da exploração da força de trabalho” (LANE, 2006, p.16).

As organizações populares buscam a prática revolucionária de classe pela quebra da relação entre submissão e dominação, por intermédio dos diálogos coletivos, construindo uma identidade social e um compromisso de luta. Sob essa perspectiva da coletividade, as práticas comunitárias são intensas na vida dos militantes do Cerro Corá. Tais atitudes estão na execução

coletiva de um bolo pelos moradores para a exposição e no sentimento comum de conquista ao verem os jovens da periferia ingressando no ensino superior. Quando o atributo social é valorizado, a construção é coletiva, a vida é compartilhada, são experiências capazes de contrapor ao modo de vida do individualismo alienante.

Rodrygo descreve o valor de ter estampado nos jornais e na internet as notícias sobre os lugares de memória que realizaram no Cerro Corá por intermédio do museu social. Nos últimos anos, as ações empreendidas pelos militantes do “Levante Popular da Juventude” e do coletivo “Moradores em Movimento” buscaram conquistar acessos e oportunidades para os moradores nas áreas de educação, lazer, esporte e cultura. As experiências dos militantes do Cerro Corá, suas ações e feitos pela comunidade, não se esgotam, mas, especificaremos algumas de suas realizações:

- Mutirão de grafite e pintura Cerro Corá- “Nós por Nós”;
- Biblioteca Comunitária do Cerro Corá;
- Cine Morrão;
- Mostra de fotos e vídeos “Memórias do Cerro Corá”;
- Mutirão de limpeza da quadra Cerro Corá – “Nós por nós”;
- Distribuição de cestas básicas;
- Células territoriais do “Levante Popular da Juventude”;
- Arraiá do Cerro Corá;
- Pré-Vestibular Popular do Cerro Corá;
- Museu Comunitário do Cerro Corá;
- Programa socioambiental Favela Parque;
- Campeonatos de futebol;
- Rodas de rap;
- Viagens para Congressos Nacionais de Estudantes, Acampamentos Nacionais e Estaduais do “Levante Popular da Juventude”;
- Oficinas de tranças;
- Oficinas de elaboração de currículo;
- Oficinas de fotografia.

No presente, os horizontes de expectativas de cada militante entrevistado são diversos. Embora distintos, as expectativas de futuro que possuem estão atreladas à luta por justiça social aos moradores do morro: o fortalecimento de uma marca que reflita a identidade, o pertencimento e a valorização dos jovens da favela; a consolidação e continuidade em programas socioambientais que geram renda aos moradores do morro; a atuação da militância voltada para o mundo do trabalho; e a formação universitária voltada para atender os interesses dos moradores da favela.

Em dez anos de história, com base nas lembranças dos militantes do Cerro Corá, podemos enfatizar seus muitos compromissos de luta:

- Pelo povo brasileiro, em oposição aos efeitos sofridos pela crise estrutural do capital;
- Pela organização popular da periferia;
- Pelo legado de luta e de mobilização dos movimentos populares que ocorreram no Brasil e na América Latina;
- Pela formação política da juventude;
- Pelos direitos dos moradores da periferia;
- Pela denúncia da violência policial sofrida pelos jovens negros e favelados;
- Pelo fim do extermínio da juventude negra favelada;
- Pela garantia ao acesso dos jovens do Cerro Corá ao ensino superior, por meio do Pré-Vestibular Popular integrado à rede de cursinhos “Podemos Mais”;
- Pelas ações de solidariedade e o trabalho de base com projeto “Nós por nós” e do coletivo “Moradores em Movimento”;
- Pela utilização dos conhecimentos adquiridos no ensino superior e tecnológico na finalidade de atender às necessidades da realidade do Cerro Corá;
- Pela valorização da cultura das periferias;
- Pela preservação e divulgação das memórias do povo e da região do Cerro Corá;
- Pelo acesso a oportunidades de renda aos moradores do Cerro Corá;

Quanto ao compromisso pela utilização dos conhecimentos adquiridos no ensino superior e tecnológico na finalidade de atender às demandas da realidade do Cerro Corá, podemos elucidar tal comprometimento com dois exemplos citados nas narrativas:

- O universitário do curso de museologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que articulou a ideia e criação do museu social do Cerro Corá;
- A coordenação pedagógica e professores que compõem o “Pré-Vestibular Popular do Cerro Corá” associado a rede de cursinhos “Podemos Mais”.

Constatamos que tais exemplos nos levam à reflexão anunciada por Lane (2008): a Psicologia Social necessita procurar uma inserção social mais ampla, prestando serviços para a grande maioria da população, “para a solução das injustiças sociais e da alienação social do ser humano” (p.11). Para esse fim, é preciso “sistematizar saberes para que o profissional junto com a população possa enfrentar seus problemas e dúvidas do dia a dia, e encontrar soluções, e propiciar o desenvolvimento da autonomia da comunidade” (LANE, 2008, p.11). Assim, a Psicologia Social busca conhecer como o indivíduo se “insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive” (LANE, 2006, p.10).

A contradição fundamental do capitalismo “decorre das relações de produção, que definem as classes sociais; porém, é através da participação comunitária que os indivíduos desenvolvem consciência de classe” (LANE, 2006, p. 62.). A partir das experiências concretas de organização popular, os grupos podem se estruturar “visando uma ação transformadora da história de sua sociedade” (LANE, 2006, p. 69). Portanto, o compartilhar da vida comunitária é “se defrontar com os outros, é se descobrir diferente, único e, ao mesmo tempo, é assumir a igualdade de direitos e deveres, é adquirir a responsabilidade de pensar, de decidir e de agir, é um processo que se desenvolve por meio de práticas e reflexões sucessivas” (LANE, 2006, p.63).

Em suma, as experiências dos militantes do Cerro Corá geraram transformações em suas vidas no âmbito pessoal e social, suas histórias foram atravessadas por diferentes fases que se sucederam ao longo de dez anos de envolvimento com a organização popular. Buscaremos a seguir resumir tais etapas dialogando com os caminhos teóricos percorridos nesse estudo:

- 1) Os jovens do Cerro Corá constataram e se revoltaram com a falta de políticas públicas na favela e buscaram, pela via da organização popular, conquistar acessos para os moradores do morro. Devido aos desdobramentos da crise estrutural do capital, Ferreira (2013) defende que luta popular dos movimentos sociais precisa mirar novos horizontes de liberdade, fora dos espaços institucionais, através da via de organização espontânea das massas por condições dignas de vida.

- 2) Apesar do cenário de repressão e inexistência de acesso às políticas de cidadania no Cerro Corá, tal contexto não determinou as histórias de vidas dos militantes Richarlison, Rodrygo e Alison. Por intermédio dos movimentos sociais, eles se organizaram e se tornaram agentes de transformação da realidade ao seu redor. Deste modo, Martín Baró (2017) e Silvia Lane (1989) compreendem essa inserção ativa do indivíduo na história.
- 3) As lembranças de Richarlison e Alison acerca da antiga Associação dos Moradores representava uma referência de luta do passado que poderia ser eficaz no presente para produzir um novo futuro (FALS BORDA, 1985). A partir dessa memória, o coletivo “Moradores em Movimento” foi criado. Para se organizarem enquanto coletivo, os militantes buscaram o resgate das memórias dos antigos moradores do Cerro Corá. Tal resgate implicou no conhecimento de suas raízes históricas, seus heróis, a identificação com o seu povo e o reconhecimento de si por intermédio de uma identidade comunitária (MARTÍN-BARÓ, 2017).

Podemos concluir que todo o processo de busca por oportunidades e acessos dos moradores e da juventude do Cerro, realizado pelos militantes, possuiu um ponto de partida: a referência da antiga Associação de Moradores. Esse elo com o passado se tornou “um apoio sólido para a construção do presente” (BOSI, 2012, p.197). O resgate das memórias narradas pelos antigos moradores foi vital para a formação da identidade do coletivo, a valorização de sua cultura e do lugar em que pertencem.

“O passado reconstituído não é um lugar de refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar” (BOSI, 2012, p. 198). A reconstrução de narrativas sobre as lutas dos oprimidos é um ato político de reapropriação humana do tempo e da experiência (MORTADA, 2022). Foram dez anos de lutas e conquistas dos militantes do Cerro Corá, preservando as memórias da favela, realizando ações relacionadas à promoção dos direitos humanos e à cultura popular, formando politicamente a juventude e mobilizando a favela em torno dos objetivos comuns dos moradores.

9 REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, Pelotas, n.14, p.79-95, 2003.
- AQUINO, Julio; OLIVEIRA, Marta; REGO, Teresa. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. **Pro-Posições**, v. 17, n. 2 (50) - maio 2006.
- BARTLETT, Frederic. **Remembering: A study in experimental and social psychology**. New York & London: Cambridge University Press, 1932.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. Companhia das Letras, São Paulo: 1995.
- BOSI, Eclea. Entrevista: Eclea Bosi. **Dispositiva**, v.1, n2, 2012.
- BOTELHO, Maurilio. **Crise da sociedade do trabalho: teorias em conflito**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.349, 2009.
- FALS BORDA, Orlando. **Conocimiento y poder popular: Lecciones con campesinos de Nicaragua, México, Colombia**. Bogotá: Punta de Lanza; Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- FERREIRA, Adriana. **Ensaio das formas de resistência na história: Crítica do capital e práxis emancipatória**. 2013. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- FILHO, Sidney. **Juventude e política: organização, formação e luta do Levante Popular da Juventude no estado de Pernambuco**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educação e Sociedade**, v.30, n.109, p.1059-1079, 2009.
- GODOY, Arilda. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GUEDES, Neuma. **A produção de memoriais autobiográficos: possibilidade de inovação pedagógica**. Dissertação (Mestrado de Ciências da Educação) – Universidade da Madeira, Funchal, 2019.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO TÉCNICO DE CAPACITAÇÃO E PESQUISA DA REFORMA AGRÁRIA (ITERRA); INSTITUTO DE EDUCAÇÃO JOSUÉ DE CASTRO (IEJC). **Método pedagógico**. Veranópolis/RS: Coletivo Político Pedagógico, 2003.

JINKINGS, Ivana. Apresentação. In. MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, p.9-14, 2006.

LANE, Silvia. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In. LANE; CODO. **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LANE, Silvia. **O que é psicologia social?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

LANE, Silvia. Psicologia social: teoria e prática. In RIVERO, NEE., org. **Psicologia social: estratégias, políticas e implicações**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

LAUERMANN, Aline. **Entre o ritual e o teatro: a mística nos espaços de formação de um movimento social**. Dissertação (Mestrado em teatro) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Rede Nacional de Cursinhos Populares promete facilitar o ingresso de jovens das periferias no Ensino Superior. Levante Popular da Juventude, 2017. Disponível em: <https://levante.org.br/2017/07/10/rede-nacional-de-cursinhos-populares-promete-facilitar-o-ingresso-de-jovens-das-periferias-no-ensino-superior/>. Acesso em 6 de janeiro de 2021.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **A solidariedade nos Cursinhos Populares da Podemos Mais**. Levante Popular da Juventude, 2020. Disponível em: <https://levante.org.br/2020/08/31/a-solidariedade-nos-cursinhos-populares-da-podemos/>. Acesso em 6 de janeiro de 2021.

LUXEMBURGO, Rosa. **A revolução russa**. São Paulo: Ulmeiro, 1975.

MARRO, Katia. **A rebelião dos que sobram: Reflexões sobre a organização dos trabalhadores desempregados e os mecanismos socioassistenciais de contra insurgência na Argentina contemporânea**. 2009. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Desafios e perspectivas da Psicologia Latino-Americana/ Para uma psicologia da libertação. Em Raquel Guzzo e Fernando Lacerda (Orgs.). **Psicologia Social para a América Latina**. O resgate da Psicologia da Libertação. Campinas, SP: Alínea, 2012.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais**. Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Júnior – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In. MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, p.533, 2002.

MARX, Karl. **O capital**. Livro 1, v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.567, 2008.

MASSOLA, Gustavo; SVARTMAN, Bernardo. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, p. 293-305, 2018.

MENEGAT, Marildo. Sem lenço nem aceno de adeus. Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão? **Praia Vermelha**, n. 18, 2008.

MOITA, Maria. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In NÓVOA, A **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

MORTADA, Samir. Tempo e resistência: Ecléa e o método em psicologia social. **Psicologia USP**, 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v.10, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

RICOUER, Paul. La vida: un relato em busca de narrador. **Papeles de Filosofía**, vol. 25, nº 2: 9-22 **ÁGORA**, (2006).

SÁ, Celso Pereira. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20 (2), p. 290-295., 2007.

SÁ, Celso Pereira; NAIFF Denis; NAIFF, Luciene. Preciso estudar para ser alguém: Memória e representações sociais da educação escolar. **Paidéia**, 18(39), 125-138, 2008.

SADER, Emir. Prefácio. In. MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, p.15-18, 2006.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre história oral e memória. **Revista Projeto História**, São Paulo, 1997.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão** (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1996.